



**Polo
SEBRAE de
Ecoturismo**



Cenários para
o Ecoturismo
no Brasil 2035

Estudo:

CENÁRIOS PARA O ECOTURISMO NO BRASIL 2035

Realização



Execução

**AMPLIA
MUNDO**

Brasília, 05 de dezembro de 2022



FICHA TÉCNICA

Realização: Polo SEBRAE de Ecoturismo

SEBRAE MATO GROSSO DO SUL

Maristela de Oliveira França - Diretora Técnica do SEBRAE MS

Matheus da Silva Oliveira - Gerente do Polo SEBRAE de Ecoturismo

Telcio Prieto Barboza - Gestor do Polo SEBRAE de Ecoturismo

Isabella Fernandes Montello - Coordenadora da UCE

Ana Carla Albuquerque de Oliveira - Assessora da UX

Raphael Minoru Akamine - Analista Técnico da UCE

Execução: Amplia Mundo

Jaqueline Gil - Coordenadora Geral

Dr. Elimar Pinheiro do Nascimento - Universidade de Brasília - Convidado especial e coordenador técnico (Professor e pesquisador em sustentabilidade e cenários futuros)

Dr. Ian Yeoman, Victoria University of Wellington, Nova Zelândia - Convidado especial internacional (Professor e pesquisador em futuros do turismo)

Mateus José Alves Pinto - Equipe técnica

Nayara Rodrigues Marques - Equipe técnica

Pollyana Pugas Dias - Equipe técnica

Especialistas convidados, a quem agradecemos:

Alan David Claumann - SEBRAE SC

Amanda Meireles - Ministério do Meio Ambiente (MMA)

Ana Baez - Turismo & Conservación Consultores - Costa Rica

Ana Cristina Trevelin - Bionúcleo

Ana Duek - Viajar Verde

Ana Gabriela Galante - Lab Turismo

Ana Paula Jacques - Instituto Federal de Brasília (IFB)

André Cunha - Universidade de Brasília (UnB)

Carlos Fabio de Souza - SEBRAE AM



Eduardo Coelho - Grupo Rio da Prata
Enoque Raposo - Indígena Macuxi
Fabiana de Melo Oliveira - Ministério do Turismo
Felipe Mendes da Silva - SEBRAE MS
Fernanda Helena Fedrigo - Polo Iguassu
Flavia Campassi - Fundação Grupo Boticário
Flávia Nadler - SEBRAE MA
Francis Ribeiro - Ank Brasil
Gentil Venâncio - EMBRATUR
Gian Valias - Pure Brasil
Graziela Vilela - Turismo 360
Gustavo Timo - Adventure Travel Trade Association (ATTA)
Hamilton Fernandes - Bionúcleo
Helena Costa - Universidade de Brasília (UnB)
Isabela Rosa Sette - Turismo 360
Isadora Piazza Fernandes - EXXAS Smart City Bureau
Jéssica Leite dos Santos - Casa Firjan | Lab de Tendências
José Roberto da Silva Lunas - Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS)
Juliana Bettini - Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID)
Káritas Ribas - Appana
Leonardo Moura Persi - SEBRAE SP
Leonardo Seabra - Consultor
Lucas Diniz - Lab Turismo
Luciane Quadro - Quadro Consultoria
Luciano Pena - Três Arquitetura
Luis Eduardo Vieira - EXXAS Smart City Bureau
Luis Fernando Magalhães - O2eco
Luiz Del Vigna - Associação Brasileira das Empresas de Ecoturismo e Turismo de Aventura (ABETA)
Marcela Pimenta - Turismo 360
Maressa Farias Rocha - EMBRATUR



Maria Consuelo Mello - SEBRAE Nacional

Mariana Aldrigui - Universidade de São Paulo (USP)

Marisbeth Gonçalves - SEBRAE MT

Marta Poggi - Consultora

Mauro Coutinho - Turismo 360

Paulo Maciel de Lima Júnior - SEBRAE MS

Rafael Zugno Bridi - Natural Extremo

Rayane Ruas - SPRINT Dados

Renata Toffoli - Turismo 360

Renata Vescovi - SEBRAE ES

Richard Alves - Lab Turismo

Rodrigo Góes - Instituto Semeia

Ronaldo Souza Junior - Lab Turismo

Simone Mamede - Instituto Mamede

Simone Scorsato - Brazilian Luxury Travel Association (BLTA)

Susy Rodrigues Simonetti - Universidade Estadual do Amazonas (UEAM)

Tania Neres - Bahia Travel Operadora e Consolidação

Tatiana Chafim - Lab Turismo

Thiago Akira - Consultor

Vitor Leal Pinheiro – PNUMA/ONU

Polo Sebrae de Ecoturismo

<https://ecoturismo.ms.sebrae.com.br/>



SUMÁRIO

SUMÁRIO EXECUTIVO	6
INTRODUÇÃO	7
1. CONCEITO	9
2. CONTEXTO: RETROSPECTIVA E DIAGNÓSTICO DO ECOTURISMO NO BRASIL	12
2.1 Perfil do ecoturista	15
2.2 Perfil dos empreendedores e concentração	17
2.3 Contexto da pandemia	18
2.4 Características da evolução do ecoturismo no Brasil	19
3. CENÁRIOS PARA O ECOTURISMO NO BRASIL 2035	21
3.1 Sobre o Polo SEBRAE de Ecoturismo	22
4. CONDICIONANTES DE FUTURO DO ECOTURISMO BRASILEIRO	23
4.1 Contexto Internacional	23
4.2 Contexto de conexão Internacional/Nacional	24
4.3 Contexto de conexão Nacional/Específico	25
4.4 Contexto Específico do Ecoturismo	28
5. QUATRO CENÁRIOS PARA O ECOTURISMO NO BRASIL 2035	32
5.1 Cenário 1 - Nichos Pujantes	34
5.2 Cenário 2 - Brasil: Terra do Ecoturismo	37
5.3 Cenário 3 - Muitos Oásis Nacionais	41
5.4 Cenário 4 - Devagar, quase parando	44
CONCLUSÃO	47
RECOMENDAÇÕES	49
ANEXO I - METODOLOGIA	50
ANEXO II - REFERÊNCIAS	54



SUMÁRIO EXECUTIVO

O Brasil é um país megabiodiverso, mas seu potencial ainda não está refletido em produtos e serviços de turismo de natureza ou mesmo de ecoturismo. Apesar dos avanços por meio de projetos, programas, instituições, empresas e atividades, o Brasil não é reconhecido como um ícone ou potência do ecoturismo mundial e nacional. Mesmo com o crescimento constante, principalmente da demanda, a oferta de ecoturismo é marcada pela concentração em número reduzido de destinos, falta de investimentos, baixa qualificação da mão de obra e descontinuidade de políticas públicas, o que prejudica, inclusive, a implementação de práticas sustentáveis e regenerativas nas atividades de ecoturismo.

O ecoturismo será um protagonista para a conservação da natureza e para a criação de um futuro sustentável ao turismo brasileiro até 2035? Ou será um agente passivo, sem dinamismo nem governança? Essas e outras perguntas nortearam este estudo, elaborado pelo Polo SEBRAE de Ecoturismo, e que contou com especialistas das mais variadas áreas de conhecimentos e de instituições, do Brasil, da Costa Rica e da Nova Zelândia. Assim, os Cenários para o Ecoturismo no Brasil 2035 são, antes de tudo, inspirações, percepções, aspirações e caminhos factíveis para o futuro.

O cenário que desejamos construir é o de um ecoturismo saudável, agradável, diversificado e acessível a todos, que preserve a natureza, traga benefícios aos habitantes locais e prazer aos visitantes. Assim, os quatro cenários desenvolvidos pelo estudo (*Nichos pujantes; Brasil: Terra do Ecoturismo; Muitos oásis nacionais e Devagar, quase parando*) buscam promover discussões sobre o que se espera do ecoturismo no Brasil, hoje e futuramente, auxiliando os tomadores de decisão no planejamento de investimentos e implementação de estratégias para atingirmos o cenário desejável para o Ecoturismo no Brasil até 2035.



INTRODUÇÃO

Quais serão as variáveis e os atores mais importantes na trajetória futura do turismo de natureza no Brasil? O **ecoturismo** será um protagonista para a conservação da natureza e para a criação de um futuro sustentável ao turismo brasileiro até 2035? Ou será um agente passivo, sem dinamismo nem governança? Qual o papel do Estado, do setor privado, do terceiro setor e do consumidor? Essas foram algumas das perguntas que nortearam a elaboração de cenários futuros para o ecoturismo brasileiro, como propostas de direcionamento dos trabalhos do Polo SEBRAE do Ecoturismo.

O Brasil está entre os três países mais competitivos do mundo em recursos naturais¹. Com exuberantes e únicos biomas, como Amazônia, Pantanal e Cerrado, o Brasil é um país megabiodiverso. Esse potencial, no entanto, não está refletido em produtos e serviços de turismo de natureza ou mesmo de ecoturismo na mesma proporção: apesar dos avanços, o País ainda não é reconhecido como uma potência do ecoturismo, nem nacionalmente, nem internacionalmente. E se quer ser, qual o caminho?

Ainda que instituições, programas, empresas e atividades de ecoturismo e de turismo de aventura tenham se diversificado e avançado, principalmente nas últimas três décadas, há muito a ser feito. Desconcentrar a oferta, atualmente concentrada em número reduzido de destinos turísticos (frente à grandiosidade do território brasileiro), e ampliar a qualidade e diversidade de atividades, ao mesmo tempo em que geramos benefícios para a população dos destinos ecoturísticos e asseguramos a conservação e regeneração da natureza, é um dos caminhos.

Esse estudo não se propôs a ser um guia prático de ações, mas, antes de tudo, um conjunto inspiracional de percepções, aspirações e caminhos factíveis para o futuro. Espera-se que suas provocações promovam a base para um “pensar diferente”, e que líderes, empreendedores, gestores públicos e profissionais possam desenvolver formas de planejar e realizar o ecoturismo em sintonia com o cenário que se busca atingir.

¹ World Economic Forum (2022).



Com o que o ecoturismo deve se parecer em 2035? Como o ecoturismo influenciará o turismo no País? Como o ecoturismo influenciará a conservação da natureza? Como o ecoturismo será influenciado pelos consumidores? Como a economia brasileira influenciará o dinamismo do ecoturismo? Quais soluções poderá oferecer o SEBRAE, em linha com os caminhos desejados pelos empreendedores no País? O objetivo da elaboração de quatro cenários para o ecoturismo no Brasil em 2035 foi prover fundamentos para encorajar e promover a discussão em torno do que se espera do ecoturismo no Brasil, hoje e futuramente. Diante de tantas perguntas, este estudo:

- Desenvolveu quatro cenários a partir de dezoito condicionantes de futuros e análise de dois vetores-chave, que definem possibilidades futuras a partir de movimentos macroeconômicos e do dinamismo da atratividade ecoturística (oferta x demanda);
- Estabeleceu fatores externos e internos que modelam o futuro do ecoturismo. Eles envolvem temas internacionais e nacionais, como comportamentos (tanto de empreendedores quanto de clientes), recursos tecnológicos, pesquisas científicas, disponibilidade para investimentos públicos e privados, e prioridades programáticas.

Esperamos que os quatro cenários, denominados de *Nichos pujantes*; *Brasil: Terra do Ecoturismo*; *Muitos oásis nacionais* e *Devagar, quase parando*, ajudem aos atores da cadeia do ecoturismo a se antecipar aos acontecimentos, planejar seus investimentos e iniciativas e tomar boas decisões para o bom desenvolvimento do ecoturismo no Brasil.



1. CONCEITO

Turismo de Natureza, Turismo de Aventura e Ecoturismo são conceitos em que há tanto convergências, ou mesmo sobreposições, quanto diferenças marcantes. As características que os conectam geralmente estão relacionadas às motivações dos turistas e à busca por atividades responsáveis e sustentáveis.

A primeira distinção, mais ampla, é entre o turismo urbano e o turismo que acontece **na natureza**. Enquanto o primeiro pode englobar segmentos e nichos como turismo de eventos ou cultural, o segundo considera desde o turismo rural, o de sol e praia, até o ecoturismo. Todos esses estão baseados em ação na natureza, independentemente do nível de sustentabilidade das práticas ofertadas, e nem sempre com a natureza como motivação principal do turista².

O **turismo de natureza** é menos abrangente que essa dimensão de **turismo na natureza**, pois agrega viagens para experimentar e apreciar paisagens naturais e fundamenta-se na motivação e na interação dos turistas com o meio natural³. No turismo de natureza, nota-se uma busca por ambientes com seus biomas ainda originais ou pouco alterados. Além da relação com as características do local, observa-se diferenças quanto ao perfil do indivíduo e ao mercado, que é o grande indutor na formatação de produtos relacionados ao turismo de natureza.

O ecoturismo e o turismo de aventura possuem características ainda mais específicas, conforme ilustração na Figura 1. A essência do **turismo de aventura** é marcada pelas atividades físicas com os elementos risco, emoção e/ou desafio, sem concorrência entre os participantes, devido ao caráter recreativo e não competitivo de suas atividades comerciais - que podem ocorrer na natureza ou não⁴ e ⁵. Aqui, esta dimensão dos riscos avaliados e controlados reforçam a necessidade de se considerar a dimensão da técnica e da segurança para este segmento.

² Martins e Silva (2019).

³ Franco *et al.* (2021); Pires (1998, 2013).

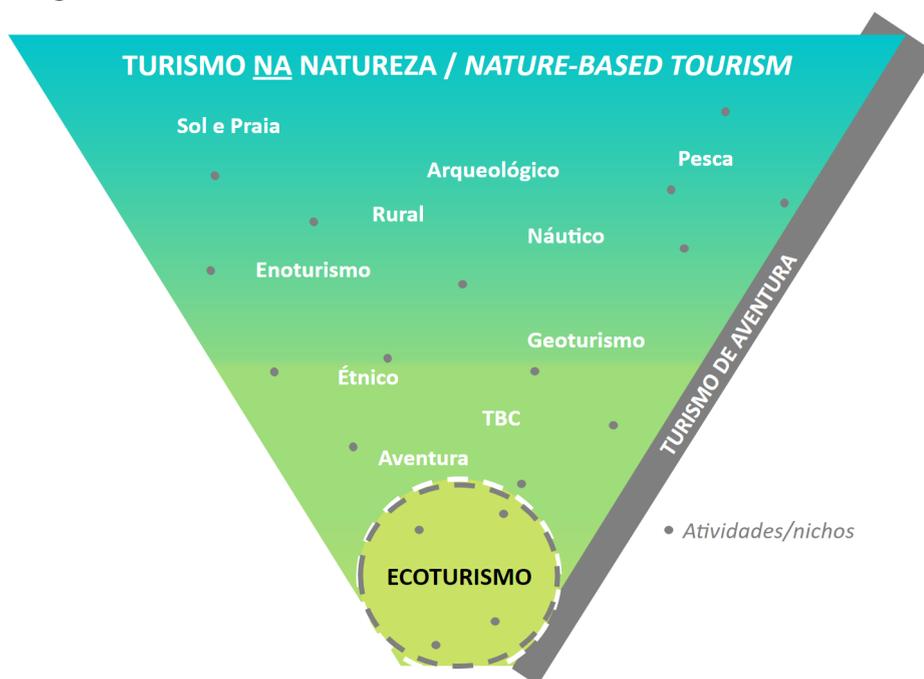
⁴ Alguns exemplos de atividades de aventura: Arvorismo, Bungee Jump, Cachoeirismo, Canionismo, Caminhada, *Trekking*, Caminhada de longo curso, Turismo equestre, Cicloturismo, Espeleoturismo, Rapel, Escalada, Montanhismo, Turismo fora-de-estrada, 4x4 ou bugues, Tirolesa, Voo Livre (Asa Delta/Parapente), Paraquedismo, Balonismo, Mergulho, Flutuação, Canoagem, Bóia-cross, *Rafting*, Vela, *Kitesurf*, *Windsurf*, *Duck*, entre outras.

⁵ ATTA (2022); ABNT (2014); Brasil (2010a); Rantala *et al.* (2018); Janowski *et al.* (2021).



No **ecoturismo**, o entusiasmo por atividades planejadas e organizadas em ambientes naturais, que geram benefícios econômicos para empreendedores, comunidades, natureza e o destino como um todo, é apenas um dos elementos que o caracterizam. As definições oficiais - ex.: Ministério do Turismo (MTur), Organização Mundial do Turismo (OMT) e da *The International Ecotourism Society* (TIES) - também evidenciam estas especificidades, apontando o ecoturismo como uma viagem responsável a áreas naturais, visando conservar o meio ambiente e promover o bem-estar da população local. Assim, o ecoturismo se diferencia porque se apresenta com elementos exclusivos, como: seu papel educativo, de sensibilização dos turistas para as questões ambientais ou com recursos interpretativos; a sustentabilidade, principalmente por meio da busca pela redução dos impactos negativos do turismo; a noção de conservação, ou seja, de contribuição e geração de meios para o financiamento da conservação ou da regeneração da biodiversidade; além da geração de benefícios para as populações locais⁶.

Figura 1 - Resumo dos conceitos: Do turismo na natureza ao ecoturismo



Fonte: Elaborado pelos autores (2022)

⁶ Brasil (2010b); Fennell (2022); Global Ecotourism Network (2016); OMT (2022a); TIES (2015); Wearing e Neil (2014).



Pelo fato de o ecoturismo concentrar os princípios relacionados à conservação e à regeneração da natureza, bem como prover benefícios às comunidades locais como premissas, este estudo centrou-se nele. Não estão excluídas dele atividades em harmonia com a natureza, no âmbito do turismo de natureza, mas o objeto central da análise mantém conexão central com os princípios conservacionistas da natureza e de prosperidade de comunidades. Ele engloba atividades ou experiências turísticas de lazer na natureza⁷, realizadas com segurança, de forma sustentável e planejada, que promovem educação ou regeneração, tendo como princípios norteadores:

- Ênfase na natureza (original ou pouco alterada);
- Sustentabilidade, minimização dos impactos e geração de benefícios para conservação;
- Sensibilização, interpretação ou educação ambiental;
- Qualidade de vida para as comunidades locais;
- Experiências positivas (turistas e anfitriões);
- Benefícios econômicos para empreendedores, trabalhadores e população local;
- Meios de financiar a conservação da natureza.

⁷ Alguns exemplos de recursos para este segmento de turismo no Brasil - um dos países com maior diversidade biológica - são: os biomas brasileiros (Amazônia; Caatinga; Cerrado; Mata Atlântica; Pampa; Pantanal; Zona Costeira); chapadas; serras; rios; riachos; corredeiras; cachoeiras; quedas d'água; cavernas; grutas, cânions; paredões; geoparques; pinturas em cavernas; pinturas rupestres; florestas; matas, bosques, selvas; ecomuseus (em áreas naturais); a flora, a fauna (pássaros, baleias, onças etc.), entre outros.



2. CONTEXTO: RETROSPECTIVA E DIAGNÓSTICO DO ECOTURISMO NO BRASIL

O surgimento do ecoturismo no Brasil não pode ser percebido a partir de uma data ou fato únicos. A linha temporal apresentada a seguir não é abrangente, mas aponta alguns marcos que impulsionaram o seu desenvolvimento.

O início da trajetória do ecoturismo foi impulsionado pelo crescente movimento ambientalista das décadas de 1980 e 1990, sobretudo em meio aos debates sobre a conservação do ambiente natural e de práticas sustentáveis. O Brasil foi palco da primeira Cúpula da Terra, a Rio-92, em que líderes globais se comprometeram, pela primeira vez, com uma agenda ampla em defesa do meio ambiente, inclusive sobre temáticas de mudanças climáticas.

Apesar do surgimento dos primeiros serviços de ecoturismo na década de 1970, com o início da diversificação da oferta de viagens para destinos e locais com potencialidades naturais, seu fortalecimento se deu a partir dos anos 1990. Essa década foi marcada por vários planos econômicos frustrados, gerando uma crise em diversos setores da economia brasileira, sem excluir o turismo. A grande maioria das empresas do ecoturismo, que eram e seguem sendo de micro e pequeno porte, foram significativamente afetadas.

Os anos 1990, em nível global, também ficaram marcados pelo surgimento de algumas instituições com foco no desenvolvimento do segmento, como foram os casos da criação da TIES, uma organização americana dedicada a promover o ecoturismo globalmente, e a *Adventure Travel Trade Association* (ATTA), voltada às soluções que impulsionam negócios e comunidades em direção a um futuro responsável e lucrativo na indústria de viagens de aventura mundialmente.

As iniciativas de promoção do ecoturismo, pela EMBRATUR, ganharam destaque sobretudo em 1992, com o lançamento do Manual Operacional do Ecoturismo, no âmbito da expansão das discussões cascadeadas pela Rio-92. Adicionalmente, em linha temporal, podemos apontar os seguintes marcos na trajetória do ecoturismo brasileiro:



1. Em 1993, surgiu a primeira ONG de ecoturismo na América Latina: EcoBrasil – Brazilian Ecotourism Society (posteriormente se transformou no Instituto EcoBrasil);
2. Entre 1994 e 1995 surgiu a Política Nacional de Ecoturismo, em uma parceria interministerial entre o Ministério da Indústria, do Comércio e do Turismo e o Ministério do Meio Ambiente e da Amazônia Legal, pela Portaria Interministerial nº 001, de 20 de abril de 1994, onde se criou um Grupo de Trabalho, integrado por representantes desses Ministérios, do Ibama e Embratur para desenvolver e propor uma Política e um Programa Nacional de Ecoturismo⁸;
3. Em 1997, foi lançada a Agenda 21 para Viagens e Turismo pela OMT e, no Brasil, foi criado o Instituto de Hospitalidade (qualificação);
4. Em 1999, a EMBRATUR lançou o projeto Polos de Desenvolvimento do Ecoturismo e aconteceu a 1ª Edição da Adventure Sports Fair, em São Paulo;
5. Em 2000, foi lançado o PROECOTUR - Programa de Desenvolvimento do Ecoturismo para a Amazônia Legal, e foi criado o Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC);
6. A OMT declarou 2002 o Ano Internacional do Ecoturismo. Neste ano foi criada a Associação Férias Vivas, importante ONG que encabeçou discussões sobre acidentes e segurança nas atividades de turismo de aventura, e participou ativamente da construção do arcabouço normativo no país;
7. Em 2003, além da criação do Ministério do Turismo, foi criado o Comitê Brasileiro de Turismo na Associação Brasileira de Normas Técnicas - ABNT (Comitê CB 054);
8. Em 2004, foi criada a Associação Brasileira das Empresas de Ecoturismo e Turismo de Aventura (ABETA); foi publicado o Diagnóstico do Turismo de Aventura no Brasil e criado o 1º Fórum Interamericano de Turismo Sustentável (FITS);
9. Iniciou-se, em 2005, a elaboração das Normas Técnicas Brasileiras ABNT de Turismo de Aventura: um marco histórico na criação de boas práticas direcionadas ao segmento de turismo de aventura no Brasil;
10. Entre 2005 e 2010, o SEBRAE, o Ministério do Turismo e a Embratur realizaram programas de benchmarking internacional e nacional, conduzindo missões de empresários a diversos destinos para observação de melhores práticas de vários segmentos de turismo, inclusive de ecoturismo e turismo de aventura;

⁸ Instituto EcoBrasil (2022).



11. Em 2006, deu-se início ao Programa de Qualificação e Certificação de Turismo de Aventura (Programa Aventura Segura - PAS), fomentado pelo MTUR e pelo SEBRAE Nacional, com execução da ABETA. Foi também instalado o Comitê Internacional de Turismo no âmbito da ISO (ISO/TC228 - Tourism and Related Services);
12. Em 2007, aconteceu a reestruturação do PROECOTUR pelo Ministério do Turismo;
13. Em 2008, a promulgação da Lei Geral do Turismo (Lei 11.711) e da Lei Complementar n. 128, que instituiu o Microempreendedor Individual - MEI, foram marcos importantes para a formalização de muitos negócios relacionados ao ecoturismo e ao turismo de aventura. Foi realizada a 1ª edição do Encontro Brasileiro de Ecoturismo e Turismo de Aventura - ABETA SUMMIT, um dos maiores congressos do segmento até os dias atuais;
14. 2009: O Brasil foi eleito como Melhor Destino de Aventura no Mundo pela Revista National Geographic. Certificadas as primeiras empresas com sistema de gestão da segurança em turismo de aventura no Brasil, pela ABNT/INMETRO, com base nas normas técnicas nacionais, resultado do Programa Aventura Segura;
15. Em 2010, foi fundado o Global Sustainable Tourism Council (GSTC), e, também, criado o escritório da International Union for the Conservation of Nature (IUCN) no Brasil, dedicado à conservação da natureza;
16. Em 2010, foi publicado o Estudo do Perfil do Turista de Aventura e do Ecoturista no Brasil, até hoje sem atualização em mesma profundidade;
17. Em 2014, foram publicadas as Normas ISO de Turismo de Aventura: ABNT NBR ISO 21101- Sistema de Gestão da Segurança-Requisitos e ABNT NBR ISO 21103- Informação para Participantes;
18. O ano de 2015 marcou o nascimento da Global Ecotourism Network (GEN), grupo pioneiro com objetivo de dividir experiências em ecoturismo e turismo sustentável e criar uma rede de contatos mundial. Também, foram lançados os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU;
19. 2017 foi considerado o Ano Internacional do Turismo Sustentável pela OMT;
20. Em 2018 surgiram os primeiros editais, lançados pelo ICMBio, para concessões de atividades de turismo de aventura em Parques Nacionais. E o SEBRAE lança o Polo SEBRAE de Ecoturismo, com sede em Bonito - MS;
21. Em 2019, foi criada a Secretaria de Ecoturismo no Ministério do Meio Ambiente;



22. Em 2022, recupera-se a oferta de voos domésticos, após dois anos de interrupções e impactos pela pandemia de COVID-19. Viagens internacionais iniciam sua recuperação, ainda em patamar muito aquém da pré-pandemia;
23. No decorrer de todos os anos acima mencionados, o SEBRAE atendeu a centenas de milhares de empreendedores de micro e pequeno porte, com consultorias, capacitações ou jornadas inspiradoras, em todas as unidades da federação do Brasil, nas temáticas de turismo de natureza, aventura e ecoturismo.

Sem dúvida, diversos outros investimentos, acontecimentos e programas permeiam a evolução histórica do ecoturismo no país. Porém, coube a esse estudo indicar alguns dos principais referenciais que influenciaram - e alguns continuam a influenciar - o desenvolvimento do segmento de ecoturismo no Brasil.

2.1 Perfil do ecoturista

Há carência de estudos para se entender o perfil do ecoturista no Brasil. O estudo mais completo publicado até o momento data de 2010 e refere-se ao Relatório do Perfil do Turista de Aventura e do Ecoturista no Brasil, elaborado pela ABETA, no âmbito do Programa Aventura Segura (PAS). Ele traz aspectos do perfil do consumidor, seu processo de compra, satisfação e imagem dos segmentos de ecoturismo e aventura. A pesquisa apontou que o turismo em ambientes naturais resgata valores e sentimentos conectados à memória afetiva da infância dos viajantes, e que eram componentes fortes para as estratégias de convencimento, promoção e comercialização de produtos e serviços do segmento⁹.

O Estudo da Demanda Turística Internacional de 2019¹⁰ mostra que houve um crescimento quanto à busca por viagens ligadas à natureza, ecoturismo ou aventura, de 15,7% em 2015 para 18,6% em 2019. Por sua vez, a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD Contínua) também aponta um crescimento das mesmas motivações (natureza, ecoturismo ou aventura) na escolha das viagens do perfil da demanda nacional entre os anos de 2020 (20,5%) e 2021

⁹ ABETA e Brasil (2010).

¹⁰ Brasil (2021).



(25,6%)¹¹. Já a Pesquisa de Sondagem Empresarial¹² realizada com empresas do setor de agências e operadoras de turismo nos meses de maio a junho de 2022, elenca a natureza/ecoturismo como o segundo segmento mais demandado pelos clientes.

Cabe refletir com isso que, a crescente demanda por esses ambientes e atividades, associada ao perfil de consumidores mais dispostos a estar em ambientes naturais e que vem buscando estímulos e vivências nesses locais, nos dá subsídios para repensar o modelo atual do segmento e nos coloca à frente possibilidades de repensar novas estratégias, tanto de promoção do segmento, diversificação de novos produtos e serviços e políticas públicas que desenvolvam e promovam de forma direcionada os diversos destinos de ecoturismo no País com foco nesse novo perfil de demanda.

Em se tratando de ecoturismo, a temática da sustentabilidade deve ser sempre considerada no intuito de pensar e repensar as premissas do segmento e a valoração por parte da demanda. Esta característica também surge como motivação de alguns perfis de viajantes ao escolherem por produtos, serviços e destinos de ecoturismo e natureza.

Dados do TRVL Lab, relacionados ao perfil do viajante de luxo brasileiro, demonstram que esses viajantes buscam viagens com características mais responsáveis e sustentáveis, dando preferência por acomodações isoladas e exclusivas, viagens em grupos pequenos com propósitos similares e atividades ao ar livre em conexão com natureza¹³.

Outra pesquisa realizada pela Booking.com¹⁴ aponta que esses “viajantes globais” são atentos à distância que viajam e como se locomovem, uma vez no destino: 51% indicam preferência por meios que emitem pouco - ou não emitem CO2 - parte essencial das atuais “viagens sustentáveis”. Além disso, 71% dos viajantes querem viajar de maneira mais sustentável e 75% dizem que querem usar meios de transporte que causam menos impactos ao meio ambiente,

¹¹ IBGE (2022).

¹² Brasil (2022).

¹³ TRVL Lab (2021).

¹⁴ Booking.com (2022).



como caminhadas, ciclismo, transporte público em detrimento de carros individuais, sobretudo em relação a suas próximas viagens.

A pesquisa da Expedia¹⁵ também apresenta que, nos últimos dois anos, três em cada cinco viajantes optaram por meios de transporte ou acomodação sustentáveis, sendo que 90% dos consumidores buscam opções sustentáveis para suas viagens e quase 70% dos consumidores estão dispostos a sacrificar conveniências para serem viajantes mais sustentáveis.

É possível observar que o viés da sustentabilidade permanece presente no cerne das escolhas de viagens de alguns perfis de consumidores, uma vez que esta sempre foi a principal característica do segmento do ecoturismo. Porém, é importante prestar atenção para as consequências do aumento de um novo perfil de consumidor (que antes não tinham foco em viagens de natureza) e do surgimento de novos produtos e serviços (voltados a atender à essa demanda), de forma que a temática da sustentabilidade permaneça como ponto central das ações, não só de destinos ecoturísticos, como também de empresários do setor, e não se apresente apenas como uma retórica.

2.2 Perfil dos empreendedores e concentração

Para traçar o perfil dos empreendedores de um segmento tão plural e de diversas condicionantes, inicialmente destacamos a pesquisa realizada pela ABETA, em parceria com a Universidade Anhembi Morumbi. Segundo este estudo, em 2019, o Brasil contava com 13.583 empresas diretamente relacionadas ao turismo de natureza, sendo: 92% microempresas (13.163), 5% de empresas de pequeno porte (693), 3% de empresas de médio porte (420). Mais da metade foram criadas há menos de cinco anos (7.061 empresas)¹⁶.

Esse crescimento do número de empresas especializadas no segmento de turismo de natureza pode ser observado a partir de 2010, muito provavelmente em virtude de fatores como: maior institucionalização de marcos legais e normativos para o segmento, políticas públicas

¹⁵ Expedia (2022).

¹⁶ Pesquisa cedida pela ABETA aos autores com dados levantados do CADASTUR.



direcionadas ao longo dos anos e a própria diversificação da oferta de serviços em função do crescimento da demanda com motivação de viagens de interesse e valorização do ambiente natural.

Um outro ponto relevante é a concentração de visitação em apenas alguns destinos, mesmo com a grande diversidade geográfica do Brasil e suas potencialidades naturais. Tomando por base dados da visitação nas Unidades de Conservação Federais (UCs)¹⁷, percebe-se uma maior concentração nos mesmos polos. Por outro lado, das 334 Unidades de Conservação Federais, apenas 145 UCs apresentam demanda de visitação monitorada. Este dado pode demonstrar uma grande margem de crescimento de novos destinos em potencial.

Importante ressaltar que apesar das três UCs mais visitadas - APA da Baleia Franca, PARNA da Tijuca e PARNA de Jericoacoara - apresentarem números expressivos, este panorama não representa apenas a realidade das visitas motivadas pela prática do ecoturismo. Porém, nos servem de parâmetros para contextualizar o fluxo de visitação e a perspectivas em se pensar novos polos e diversificação de uma oferta de serviço direcionada.

2.3 Contexto da pandemia

Diferentes estudos e pesquisas evidenciam que o contexto da pandemia favoreceu o crescimento da demanda por destinos e viagens na natureza nos últimos dois anos. O isolamento vivenciado pela população e os protocolos de saúde e segurança em virtude da COVID-19, proporcionaram aos viajantes novas descobertas de viagens, sobretudo por destinos de natureza no Brasil. A ampliação da vacinação permitiu a retomada de viagens e o retorno gradual e crescente dos voos nacionais e internacionais. Porém, os altos custos dos transportes aéreos¹⁸ estimulou (e vem estimulando) o deslocamento dos viajantes por transporte terrestre e por viagens de curtas distâncias, proporcionando com isso o aumento do chamado "turismo de proximidade".

¹⁷ ICMBio (2022).

¹⁸ O preço médio das tarifas aéreas domésticas em agosto de 2022 aumentou 34,7% em comparação com o mesmo mês em 2019 (ANAC, 2022).



Segundo dados da Associação Brasileira de Turismo de Luxo (BLTA), meios de hospedagens como Caiman (MS), Cristalino (MT), Anavilhanas (AM), Txai e Uxua (BA), Nannai (PE), Carmel (CE), Filhas da Lua (RN), não atingiam ocupação superior a 52% em 2017. Em julho de 2021, o percentual foi de 71%, chegando a uma tarifa média de R\$ 2.126,00, quando em 2019 era de R\$ 1.150,00 (90% aumento), sendo 91% brasileiros e 9% estrangeiros. Em outras palavras, os brasileiros passaram a redescobrir mais o Brasil¹⁹.

2.4 Características da evolução do ecoturismo no Brasil

Não caberia, na totalidade deste estudo, traçar uma característica única de um segmento tão plural em um cenário de tantos “Brasis” dentro do território brasileiro. Contudo, nos cabe apontar algumas nuances que permeiam o ecoturismo em sua cadeia evolutiva. A primeira delas, é que não se pode escapar ao radar que o ecoturismo sempre esteve na liderança do debate internacional sobre a sustentabilidade²⁰. E que, apesar do contexto de crise sanitária e de ser uma atividade relativamente recente, continua em constante crescimento e com possibilidade de diversos cenários. Sem contar que o ecoturismo, dentro de suas várias ramificações, proporciona uma forte conexão com temas de saúde e bem-estar.

Apesar do vasto território geográfico brasileiro e de seus biomas tão particulares, com múltiplas possibilidades de diversificação de novos destinos, na prática ainda se observa uma alta concentração da demanda em poucas localidades ou polos de ecoturismo já consolidados. Assim, muitos deles ainda apresentam um fluxo turístico menor do que o potencial nacional existente.

O ecoturismo apresenta várias oportunidades para diversificação da oferta de destinos e serviços (milhares de “sementes” no território nacional: pequenos polos com oportunidades de crescimento), desde unidades de conservação a terras indígenas, incluídas as reservas particulares do patrimônio natural. Porém, a descontinuidade das políticas públicas e a falta de investimentos retardam o processo de desenvolvimento sustentável e fortalecimento do ecoturismo como meio para financiar a conservação.

¹⁹ BLTA (2022).

²⁰ Fennell (2022).



Por fim, destacamos que, apesar do histórico inicial de disseminação da noção de conservação e sustentabilidade, o ecoturismo é, ainda, um segmento em que o discurso da sustentabilidade não se reflete nas práticas de forma suficiente frente aos desafios das crises contemporâneas (ambiental, climática, da biodiversidade e sanitária). Com isso, retomamos a reflexão: qual o ecoturismo queremos construir? E como fazê-lo, em função dos cenários prováveis descritos a seguir?



3. CENÁRIOS PARA O ECOTURISMO NO BRASIL 2035

Cenários são hipóteses coerentes e factíveis de futuro. Eles articulam andamentos de variáveis de um determinado sistema, no caso o ecoturismo brasileiro, em um determinado período temporal. As variáveis do sistema que mais influenciam o seu futuro são aqui denominadas condicionantes de futuro. O futuro é o resultado da evolução destas condicionantes que podem indicar a continuidade ou descontinuidade de elementos do presente.

Aqui apresentam-se as principais condicionantes de futuro, que nasceram de consultas à bibliografia especializada, trocas entre especialistas multisetoriais que participaram de oficinas e entrevistas informais com experientes profissionais nas áreas de ecoturismo e de planejamento de cenários.

Os cenários aqui capturados representam relações de interdependência entre variados setores, como economia e transportes, e turismo, além de tendências nacionais e internacionais. O objetivo dessa construção foi prover uma base que promova reflexões e discussões sobre os rumos da atividade: como o ecoturismo se beneficiará do dinamismo econômico nacional e internacional? Como se integrará aos desafios e às oportunidades da década, como a corrida por inovação e as iminentes mudanças climáticas? **A pergunta de partida é: o ecoturismo será um protagonista na conservação da natureza e na criação de futuro sustentável para a atividade turística no país, ou será um agente passivo, submisso a forças especulativas e ao uso intensivo de recursos naturais com foco no curto prazo?**

O Brasil é um destino turístico de larga distância dos principais centros emissores de turismo do mundo, notadamente presentes nos Hemisférios Norte e, cada vez mais, Asiático. No contexto internacional, sua recepção de turistas estrangeiros jamais ultrapassou 0,5%. Em 2019, quando o país recebeu 6,4 milhões de estrangeiros, o mundo viu 1,5 bilhões de visitantes circularem entre os países²¹. Ainda neste horizonte, “natureza, ecoturismo ou aventura” representaram aproximadamente 18,6% da demanda internacional a lazer²². Ainda que o turismo doméstico

²¹ OMT (2022b).

²² Brasil (2021).



tenha mostrado sua força, sobretudo na retomada da atividade em período pós-pandemia, ainda são incertos os números de crescimento do turismo no Brasil, e para onde irão caminhar os interesses, as exigências e as preferências dos viajantes na próxima década.

Em contextos de aceleradas mudanças, no Brasil e no mundo, no turismo e além dele, coube a este estudo organizar proposições, não exaustivas, que contribuem com o pensamento do desenvolvimento da atividade no país, sobretudo no âmbito do empreendedorismo fomentado, há décadas, pelo Sistema SEBRAE.

3.1 Sobre o Polo SEBRAE de Ecoturismo

Este estudo, no contexto das atividades do Polo SEBRAE de Ecoturismo, teve como objetivo:

- Desenvolver cenários que proponham discussões sobre futuro do ecoturismo no Brasil, a fim de engajar *stakeholders*, líderes e gestores públicos e privados, e, sobretudo, empreendedores de micro e pequeno porte no propósito da conservação da natureza;
- Estabelecer condicionantes de mudanças de futuro, e aspirações sobre para onde os influenciadores do ecoturismo no país podem caminhar, ao lado das tendências e alterações no perfil da demanda;
- Compreender que os resultados obtidos serão uma consequência clara das decisões do presente, individuais e, principalmente, do coletivo.



4. CONDICIONANTES DE FUTURO DO ECOTURISMO BRASILEIRO

4.1 Contexto Internacional

1. Segurança global: bélica, sanitária e financeira

O mundo vive graves incertezas nos três campos sinalizados: saúde (pandemia COVID-19), bélica (guerra entre Rússia e Ucrânia) e finanças (desde a crise de 2008/2009), decorrentes de fatores diversos entre os quais o novo desenho geopolítico, desde o fim da Guerra Fria entre Estados Unidos e a ex-URSS²³, o fortalecimento da União Europeia e o surgimento de novas forças econômicas no Oriente, particularmente a China. A tensão entre as potências do Século XX (EUA e Europa) e as novas acentua riscos de guerra e de distúrbios no sistema financeiro. Por outro lado, a forma de uso intensivo e irracional de recursos naturais tem alertado o mundo para o risco de novas crises, entre elas outras pandemias. Todos esses fenômenos atingem a dinâmica econômica mundial, desorganizam as cadeias produtivas e as atividades econômicas, entre elas o turismo.

2. Crise ecológica global: mudanças climáticas, perda da biodiversidade e poluição

A humanidade vem tomando consciência, desde os anos 1970/1980, dos impactos nocivos sobre a natureza provindos do modelo econômico adotado a partir dos séculos XVIII/XIX, com o evento da revolução industrial e a subsequente massificação dos combustíveis fósseis, no século XX. Esses impactos manifestam-se no aumento da poluição, da degradação da biodiversidade e, sobretudo, em mudanças climáticas provenientes do acúmulo dos gases de efeito estufa resultado do modelo de produção e do padrão de consumo. Esta crise afeta desigualmente o desenvolvimento do turismo em geral, e do ecoturismo em particular. Em contrapartida, é também afetada pelo crescimento desordenado do turismo. Em todo o mundo destinos turísticos adotam medidas para reduzir a emissão de gases de efeito estufa, a degradação ambiental, além da destinação e tratamento corretos dos dejetos produzidos. No futuro, cada vez mais, essas práticas estarão presentes nas decisões de viagens dos turistas, particularmente os que admiram o contato com a natureza.

²³ URSS – União das Repúblicas Socialistas Soviéticas.



4.2 Contexto de conexão Internacional/Nacional

3. Dinâmica da economia brasileira: entre a retomada do crescimento sustentado e sustentável e o crescimento intermitente (*stop and go*)

O dinamismo econômico de um país é fator da conjunção de muitas variáveis. Em uma economia global como a que temos hoje, o primeiro fator é o contexto internacional, que se apresenta tenso, com inflação alta e quedas na produtividade e na produção industrial. Vive-se uma crise econômica cujas saídas ainda não são claras. Adicionalmente, o dinamismo econômico depende da evolução de variáveis internas, como a formulação e a gestão de políticas públicas, o ambiente de negócios, as políticas econômicas adotadas, a evolução das finanças públicas, a evolução da renda das famílias, as reservas internacionais, o câmbio, a poupança, a taxa de investimento, as exportações, entre outros. Por outro lado, o dinamismo econômico não apenas aumenta a renda das pessoas, como produz mais impostos e investimentos por parte do poder público. Em condições de crescimento econômico, o fluxo turístico aumenta naturalmente, e o inverso, em geral, é verdadeiro. Por isso, é uma condicionante de futuro chave e de grande incerteza.

4. Valorização da saúde, bem-estar e natureza: cognitiva, emocional e comportamental

A velocidade das mudanças tecnológicas, econômicas e sociais tem provocado mudanças no estilo de vida, nas crenças e nos valores dos humanos. Igualmente, provoca situações de ansiedade, insegurança e aumento do desconforto mental, que causam reações diversas. Nesse ambiente, tem crescido a preocupação e os cuidados com a saúde e o bem-estar, assim como uma maior valorização da natureza, que se reflete na necessidade de maior convivência com o ambiente natural. Não apenas do ponto de vista cognitivo e emocional, mas, também, comportamental, aumentando a busca de deslocamentos ao encontro da natureza e experimentos de atividades mais tranquilas, relaxantes e em ambientes abertos e saudáveis. Uma condicionante de futuro que deve persistir e aumentar, valorizando os países que tem farta biodiversidade, como o Brasil.



5. Custos altos de energia e transporte: por quanto tempo?

As crises que o mundo conheceu nos últimos anos (financeira, sanitária e bélica) provocaram transtornos na cadeia mundial de valores, com alta da inflação e queda de produção. A guerra entre a Rússia e a Ucrânia afeta a distribuição de alimentos (trigo) e fertilizantes, e provoca uma crise energética com impactos sobre a cadeia de transporte. Dessa forma, energia e transporte aumentaram seus custos e, conseqüentemente, preços de oferta. Não se tem clareza sobre como esta situação evoluirá nos próximos dez anos. Algo preocupante porque estes altos custos rebatem de forma negativa sobre o setor de turismo, particularmente nos transportes e na oferta de serviços que demandam consumo de energia, como hospedagem e alimentos (gastronomia).

6. Transição demográfica: crescimento, envelhecimento, urbanização

O Brasil vive uma transição demográfica, assim como o mundo. As taxas de crescimento populacional declinam, assim como as de natalidade. Na década de 2040 a população nacional, que não deve ultrapassar 230 milhões, deverá conhecer seu declínio absoluto. Provavelmente seremos menos numerosos em 2050 do que em 2040. Em contrapartida, nossa população será mais idosa e levemente mais urbana. Mudanças que devem gradativamente impactar o desenvolvimento do ecoturismo, sobretudo no longo prazo. Para o ecoturismo é preciso ter presente que os urbanos tendem a procurar mais o contato com a natureza, e os idosos, em boa parte, têm mais tempo para viagens e deslocamento para locais e serviços plausíveis.

4.3 Contexto de conexão Nacional/Específico

7. Inovações tecnológicas pertinentes ao ecoturismo: manutenção, melhoria ou salto disruptivo?

As inovações acompanham a evolução humana desde os seus primórdios, porém, nunca na velocidade e integração que se faz hoje. Em séculos anteriores, as invenções nasciam, exclusivamente, de indivíduos criativos; atualmente, elas se realizam por meio de redes que articulam institutos, laboratórios e pesquisadores de países do mundo inteiro. Antigamente, o tempo entre a invenção e a criação de novos produtos comerciais correspondia a anos ou



décadas, hoje este passo se faz em meses. Essas inovações impactam o modo de produção e o estilo de vida de todos os humanos, uns mais e outros menos, assim como as diversas atividades econômicas, turismo inclusive. A interrogação em face desta condicionante é: quais tecnologias novas irão impactar o ecoturismo, e qual a capacidade dos empreendedores brasileiros em absorvê-las.

8. Governança do ecoturismo no Brasil: o desafio da eficiência e da continuidade

O Brasil é um país reconhecido internacionalmente por sua biodiversidade e riqueza de recursos naturais, que são a base do ecoturismo. Essa potencialidade ainda não se traduz em produtos turísticos ou afluência de turistas. O crescimento do ecoturismo desde o século passado tem sido contínuo, mas de forma ainda em descompasso com as potencialidades existentes. Em parte, isso ocorre em função de algumas adversidades, entre elas a inexistência de políticas públicas eficientes e permanentes, articuladas, e mobilizadoras do setor privado, focadas no turismo de natureza. Uma governança do ecoturismo, que seja eficiente e contínua, pode produzir resultados extraordinários na qualidade e na quantidade de ofertas de ecoturismo no país, atraindo mais turistas, inclusive estrangeiros. Sobretudo que membros das gerações millenials, e seguintes, em geral são apreciadores de ecoturismo e contra o greenwashing.

9. Crédito e investimentos em turismo de natureza no Brasil: qual dimensão assumirá e como evoluirá?

Não há setor econômico, e o ecoturismo não seria diferente, que não necessite de crédito e de investimentos para se expandir e diversificar. Em particular no ecoturismo, cujas empresas são sobretudo micro e pequenas, o crédito é um gargalo de peso, assim como investimentos em infraestrutura econômica e social, como rodovias, comunicação, saúde e educação. No Brasil, o sistema de microcrédito é deficiente, o crédito bancário é caro e burocrático, e os investimentos, em ambiente desfavorável, têm obstáculos jurídicos que aumentam seus custos. A configuração futura do crédito e do investimento impactará de maneira extraordinária a evolução do ecoturismo.



10. Infraestrutura de acesso e serviços nos destinos ecoturísticos brasileiros: pode-se esperar melhorias?

A reconhecida potencialidade do Brasil para o ecoturismo necessita do poder público, associado ao setor privado, que implemente melhores e mais baratos meios de acesso aos destinos turísticos (terrestre, aéreo, fluvial e marítimo), junto com comunicação, produção de energia limpa, sistemas de saneamento e programas de qualificação da força de trabalho, para ser plenamente realizada. Aos poucos, a sociedade brasileira vai percebendo que o ecoturismo é, além de uma via econômica relevante, limpa e florescente, uma via de saúde e bem-estar, de enriquecimento cultural e aprendizagem ambiental e social, que merece a máxima atenção do setor público. Assim, os investimentos de infraestrutura de acesso e serviços, sejam eles públicos ou privados, para melhorar a qualidade dos equipamentos e serviços ofertados pelos destinos de ecoturismo são um processo essencial para permitir o florescimento de centenas de pequenos polos nascentes de ecoturismo em todo o país. No entanto, não se sabe se o ritmo de investimento será mantido ou ampliado, pois em geral depende da dinâmica econômica vigente no país, do grau de prioridade atribuída pelo setor público e do interesse dos empreendedores e investidores do setor privado.

11. Segurança pública e dos destinos turísticos: viajar tranquilo é uma exigência

É reconhecido internacionalmente que a segurança pública é um fator importante no processo decisório das viagens turísticas. Simultaneamente, é reconhecido que o Brasil é um país com índices elevados de criminalidade e violência. Em 2021, com o arrefecimento da violência provocada pela pandemia, a taxa de homicídio por mil habitantes no país caiu para 22,3, com 47.503 homicídios. Apesar dessa queda, o Brasil ainda está entre os países com os maiores números absolutos de homicídios. Este fato é um sério obstáculo para o aumento do fluxo do ecoturismo, assim como a frequência dos acidentes que ocorrem nos destinos. Ainda, é um obstáculo reconhecido na atração de turistas estrangeiros. Sua superação terá um impacto positivo sobre o desenvolvimento do ecoturismo, inclusive entre os turistas internacionais, e sua permanência terá um efeito, naturalmente, inverso.



12. Qualificação da força de trabalho: melhoria é uma necessidade premente

Um dos maiores obstáculos ao desenvolvimento do ecoturismo, citado na oficina de Diagnóstico e Retrospectiva, e na farta literatura sobre o turismo, é a pouca qualificação da força de trabalho brasileira no setor de turismo, o ecoturismo incluído. Superar este gargalo é um dos desafios, pois se trata de uma condicionante que contribui para uma imagem negativa do setor, e limitante no aproveitamento de oportunidades. Sua superação depende de uma gestão pública eficiente e iniciativas privadas consistentes, alinhadas às demandas territoriais, visando a formação profissional para melhoria das condições de empreendedorismo e empregabilidade, principalmente para jovens e mulheres. Apenas a articulação dos setores, público e privado, em uma governança de qualidade, permitirá a superação desse obstáculo ao longo das próximas décadas.

4.4 Contexto Específico do Ecoturismo

13. Engajamento do poder e populações locais: a busca por um destino diferenciado

Há uma tendência mundial de os turistas de destinos turísticos de natureza valorizarem cada vez mais os contatos com a população local, conhecer seus hábitos e costumes, experimentar novos estilos de vida. É também crescente a preocupação dos turistas com os benefícios que recebem essa população local. Com isso, o envolvimento dos habitantes locais na atividade turística agrega valor ao destino, pois compartilha o conhecimento dos costumes locais e imprime autenticidade às atividades turísticas. Isso explica, em parte, o crescimento do turismo de base comunitária, quase inexistente há duas décadas. Ele se expande, inclusive, em terras indígenas, quilombolas e caiçaras pelo Brasil. Porém, de uma forma ainda incipiente. Sua potencialidade é ainda pouco aproveitada. Falta planejamento, treinamento do pessoal, gestão e marketing. Faltam programas de estímulo para essas populações indígenas, quilombolas, caiçaras, tradicionais, de grande potencialidade para o desenvolvimento do ecoturismo. Hoje, o engajamento das autoridades locais e sua população é uma exigência que vai além do turismo de bases comunitárias.



14. Adoção de práticas sustentáveis e regenerativas nos destinos turísticos

Com o crescimento da crise ecológica, se agudiza a pressão para que organizações, empresas, governos e indivíduos adotem e estimulem a adoção de práticas sustentáveis. No caso do ecoturismo brasileiro, esse evento é ainda mais importante na medida em que o Brasil ocupa o 3º lugar no mundo em recursos naturais e o 9º em recursos culturais, porém detém lugares muito inferiores na sustentabilidade, como o 32º lugar na sustentabilidade ambiental. Os turistas, por sua vez, introduzem o critério de sustentabilidade em seu processo de decisão de viagem, enquanto os investidores começam a adotar este critério na alocação de recursos financeiros. Aos poucos, os locais de ecoturismo ampliam a adoção de práticas sustentáveis no tratamento dos resíduos sólidos, uso das águas, produção e consumo de energia, valorização da culinária local e substituição do uso de plásticos de uso único. Embora ainda de forma incipiente, atualmente mais verbal que prático, os destinos brasileiros de ecoturismo tendem a adotar e aprofundar, parcimoniosamente, essas e outras práticas.

15. Demanda de qualidade nos destinos ecoturísticos brasileiros: uma condicionante em ascensão

Sabemos que os turistas têm um perfil diverso. Diversidade de gênero, etnia, escolaridade, religião, proveniência, renda e experiências em viagens. Eles são também diversos na forma de apreciar e usufruir da natureza. Parte desses turistas, exigente no consumo do ecoturismo, pressiona os destinos a melhorar e variar os serviços oferecidos. Pressão que, aos poucos, deverá apresentar resultados, sobretudo quando a oferta de destinos turísticos aumentar, sobretudo de forma diversificada em termos de distâncias, de atratividades e de custos, entre outros. Com essas melhorias implantadas, notar-se-á impacto positivo na atração de novos turistas, inclusive estrangeiros.

16. Tensão entre concentração e descentralização: é preciso evitar a massificação do ecoturismo

Um dos fenômenos que tem preocupado os especialistas em ecoturismo é a tendência de massificação de alguns destinos, resultado da procura concentrada, que tende a degradar a natureza e assim os próprios atrativos ecoturísticos. Na medida em que a diversificação seja consistente, essa concentração tenderá a minguar, caso contrário persistirá. Dessa forma, ao



longo da trajetória desses cenários, até 2035, observaremos esta tensão entre a concentração e a desconcentração. E o movimento em uma ou outra direção vai depender da força da diversificação e da oferta de novos destinos de qualidade e segurança. O pior dos mundos será aquele em que teremos crescimento massificado.

17. Atratividade e diversificação dos destinos de ecoturismo: novos destinos, novos negócios

O fluxo do ecoturista foi crescente nas últimas décadas e o será nas próximas. Seu crescimento será menor ou maior em função, sobretudo, do dinamismo econômico e da capacidade de empreender e compreender as demandas por meio de ofertas diferenciadas e de qualidade. Afinal, os ecoturistas são diversos: viajam sozinhos, em casais, em família e em grupos. Demandam variadas experiências; são dotados de rendas muito diferenciadas, de gostos distintos. Demandam destinos caros e distantes ou próximos e baratos; de repouso ou de aventura; de trilhas ou de banhos; de escaladas ou de esportes náuticos. A capacidade de bem acolher esta diversidade depende da criação de novos modelos de negócios, de novos atrativos e experiências, depende da capacidade dos empreendedores e da eficiência da governança. E, também, da adequada gestão e conservação dos recursos, paisagens e beleza cênica naturais necessárias para existência da atratividade deste segmento. Sendo mais e diversos seus destinos, o ecoturismo tenderá a ampliar seu fluxo, sobretudo se a valorização da saúde, do bem-estar e da natureza persistir, como apontam as tendências atuais.

18. Conflito em torno do uso do solo

O Brasil é marcado, desde a expansão agrícola nos anos 1970, e mesmo antes, por uma ocupação desordenada do solo, com uso agropecuário em terras impróprias, destruição de fontes aquíferas, redução das áreas de proteção às margens dos rios (Lei 14.285/21), mineração ilegal, invasão de unidades de proteção, inclusive indígenas, entre outros. Junto com as queimadas, esses eventos comprometem a reprodução do capital natural do país, influenciam o regime pluvial, sobretudo do Centro-Oeste e contaminam os recursos hídricos. Se continuarem em forte expansão, como constatado nos últimos anos, deverá conflitar-se com o movimento de expansão do ecoturismo. Este conflito tende a crescer, caso não haja uma



mudança importante no uso irracional e ilegal do solo. Acontecimentos que limitam e podem impactar significativamente no crescimento do ecoturismo no Brasil.



5. QUATRO CENÁRIOS PARA O ECOTURISMO NO BRASIL 2035

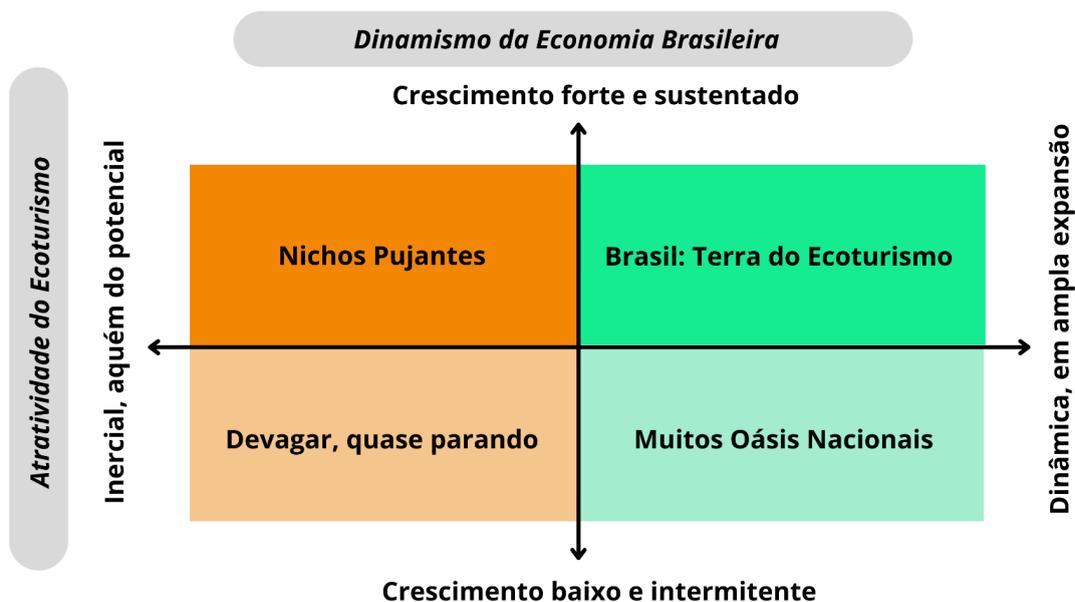
Os cenários do ecoturismo vão variar segundo alguns vetores denominados de chaves: variáveis ou condicionantes de futuro de grande incerteza e de grande impacto. Estes dois vetores que, inicialmente, vão configurar o futuro são: dinamismo da economia brasileira e atratividade do ecoturismo.

Com a primeira condicionante de futuro, *dinamismo da economia brasileira*, não se quer indicar apenas o crescimento maior ou menor do PIB. Este é um índice de mensuração simples e muito disseminado para medir o desenvolvimento, mas muito restrito, pois se refere quase que exclusivamente ao fluxo de mercadorias e de serviços, ou seja, bens de consumo e de mercado. Com essa condicionante de futuro, fazemos referência, em primeiro lugar, ao aumento da renda das pessoas. Este elemento é essencial em um país rico, com um povo ainda de renda média baixa, pois é fundamental ter recursos para o lazer para se usufruir do ecoturismo. Em segundo, esta condicionante significa maior disponibilidade de investimentos em infraestrutura, o que irá estimular novos empreendimentos e fluxos turísticos. Uma economia dinâmica permite desenvolvimento e maior acesso à educação de qualidade e bens culturais, para um maior contingente populacional, e melhores condições de vida conduzem as pessoas a se preocupar com o seu bem-estar e cuidados com a saúde, impactando indiretamente em uma maior valorização da natureza, e por consequência, do ecoturismo.

Com a condicionante de futuro *atratividade do ecoturismo*, nos referimos à iniciativa dos milhares de empreendedores do ecoturismo, sobretudo os privados mas, também os gestores públicos, na consolidação de novos destinos, abertura de novos negócios e novas modalidades, resposta positiva à demanda por qualidade, envolvimento das populações locais, absorção das novas tecnologias e adoção de práticas mais sustentáveis na gestão de seus negócios, destinos e no cuidado e conservação da natureza, suas paisagens e beleza cênica. Será a competência dos empreendedores e demais atores da cadeia de valor do ecoturismo que poderá transformar a potencialidade do ecoturismo no Brasil em realidade.

Outras condicionantes de futuro irão impactar em um sentido ou outro de forma significativa, como a governança articulando as iniciativas públicas e privadas, direcionando os investimentos e o acesso ao crédito, incluindo a melhoria de infraestrutura de acesso aos destinos, sobretudo os novos, e a segurança pública e específica nas atratividades turísticas.

Figura 2 - Cenários para o Ecoturismo no Brasil 2035



Fonte: Elaborado pelos autores (2022)

A conjunção dos dois vetores de futuro (dinamismo da economia brasileira e atratividade do ecoturismo) conformam quatro cenários, segundo a Figura 2, acima. Esses cenários estão descritos a seguir, com título que busca chamar a atenção para o cerne do cenário, filosofia, que visa sintetizar a natureza dos cenários, seguida de uma breve descrição, ou narrativa do cenário. Em cada cenário se descreve como impacta a configuração do ecoturismo. Segue-se com um quadro no qual são elencados os pontos críticos de intervenção, que permitem melhorar ou mudar o rumo que o cenário está assumindo, caso não seja aquela a direção desejada pelo conjunto de atores do setor. Finalmente, cada cenário é concluído com uma chamada de atenção para os riscos que ele contém, particularmente em relação à conservação da natureza.



Em qualquer dos cenários, o ecoturismo cresce. O que se modifica é a forma e o ritmo do crescimento. Mais diversificado ou menos diversificado, mais concentrado ou menos concentrado territorialmente, de maior ou menor qualidade, mais preocupado ou menos preocupado com práticas sustentáveis, mais ou menos influente em relação à conservação ambiental, protagonizando a realização do potencial brasileiro em relação à mega sociobiodiversidade, marca maior do Brasil, como a sua diversidade cultural. Segundo os cenários, o ecoturismo poderá apresentar um crescimento grande e de qualidade, atraindo mais turistas e ampliando sua participação mercadológica entre outros segmentos do turismo brasileiro, inclusive em relação a turistas estrangeiros, ou será lento, sem maiores atratividades ou novidades.

5.1 Cenário 1 - Nichos Pujantes

Filosofia

O dinamismo da economia brasileira impulsiona o ecoturismo, mas a não disseminação de seus empreendedores permite que apenas alguns aproveitem as oportunidades. Turistas contam com opções limitadas de destinos que atendam às suas demandas e, por isso, há casos de massificação e danos à natureza. O fomento à conservação da natureza por meios do ecoturismo é limitada.

Breve descrição

A economia brasileira conhece um forte dinamismo, superando o tradicional *stop and go*, em função da superação da crise econômica mundial de 2020/2023, alcançando um PIB de crescimento médio a 3% aa. Contudo, a capacidade de empreender e condições favoráveis para o empreendedorismo saudável não se disseminam de maneira abundante no setor, fazendo com que o ecoturismo não aproveite, em sua integridade, as condições favoráveis de: aumento da renda das classes médias, melhoria de infraestrutura, comunicação e segurança pública, maior disponibilidade de crédito, expansão de práticas consolidadas no Brasil que elevaram a qualidade da atividade, como normas técnicas que instituem boas práticas quanto à segurança de atividades, estruturação de produtos e serviços e competência de profissionais, e crescimento do segmento social dos idosos com tempo e renda para o lazer e turismo.



Contribui para essa média capacidade de empreender, a frágil governança baseada em uma articulação precária entre os setores público e privado. Fragilidade que se reflete em políticas públicas mal focadas e parcerias mal definidas, que não conseguem promover o ecoturismo, nem estabelecer condições favoráveis de investimentos. Da mesma forma, o Brasil paga o preço do limitado investimento na formação de empreendedores e profissionais em geral, assim como, de não melhorar as condições de confiabilidade e segurança para os investimentos.

No entanto, em vários locais, o empreendedorismo é competente o suficiente para consolidar novos destinos de ecoturismo, melhorar a qualidade de antigos, criar novos negócios, envolvendo a população e autoridades locais e absorvendo novas tecnologias, inclusive relacionadas a práticas regenerativas e sustentabilidade. Reservas privadas, de pequeno porte, que se dedicam à hospitalidade e ao ecoturismo para seu financiamento são disseminadas, como a RPPN Segredo dos Pireneus (GO). As normas brasileiras de segurança em ecoturismo, principalmente em atividades de aventura, são valorizadas, implementadas e seguidas à risca nessas localidades, fato que contribui para uma constância no fluxo de turistas, confiantes na compra e vivência de boas experiências. Exemplos como os Hotéis Fazenda Rede dos Sonhos, em Socorro (SP), premiado nacional e internacionalmente como melhores atividades em turismo responsável, se expandem, no contexto dos destinos consolidados. Os custos de energia e transporte, depois de muito elevados, caem, porém muito gradativamente. A diversificação do setor é pequena, mas razoavelmente sólida, sobretudo em função de novas tecnologias, facilidade de acesso e novas práticas de sustentabilidade.

A persistência da valorização da saúde, bem-estar e natureza, embora mais no plano cognitivo e emocional, contribui para o aumento do fluxo dos turistas em direção ao ecoturismo. O crescimento deste fluxo, contudo, fica aquém do esperado, alimentando o ciclo da pouca disseminação de bons empreendimentos. As concessões em parques, sobretudo naqueles de visitação consolidada, se desenvolvem, mas a prática se mantém limitada a poucas unidades de conservação. Práticas de sustentabilidade surgem aqui e acolá, sobretudo em função do aumento da percepção dos eventos críticos relacionados às mudanças climáticas e contribuem para a diversidade de atividades entre os diferentes territórios, mas ainda de forma tímida. Exemplos como o de Bonito (MS), atualmente em processo pioneiro de certificação para



tornar-se destino de ecoturismo carbono neutro²⁴, atraem atenção e variadas visitas técnicas, mas não levam à disseminação de maneira abrangente no país. Ou ainda o da Biofábrica de Corais (PE), pioneira em experiências de turismo de regeneração de corais no litoral brasileiro²⁵, vê sua base ampliar-se, mas não atinge a potencialidade, ou a necessidade, de engajar turistas com a reversão dos danos ao ecossistema e a regeneração dos arrecifes no país.

Configuração específica do ecoturismo

Em cenário desta natureza, ocorrerá a massificação dos destinos consolidados, com repercussão negativa sobre a natureza, apesar de práticas sustentáveis razoavelmente expandidas e de atividades muito mais seguras. Isso porque a diversificação não será suficientemente robusta para acolher a massa de turistas que vai emergir, sobretudo de renda média. Mesmo assim, muitos destinos atualmente em desenvolvimento deverão crescer em todo o território nacional, particularmente no entorno e nas Unidades de Conservação. Centenas de micro e pequenos polos de ecoturismo, hoje incipientes e com serviços precários, não terão condições de se desenvolver a pleno potencial, com raras exceções, como polos de atratividade especial e diferenciada como zonas “intocadas”, paisagens extraordinárias e acidentes geológicos particulares. Assim, a disseminação de práticas mais conectadas ao propósito do ecoturismo – como o engajamento das populações locais, a interpretação ambiental e a conservação da natureza com financiamento pelo turismo – continuarão incipientes e pontuais, com poucos casos de destaque.

Pontos críticos de intervenção

- 1) Diagnóstico criativo para identificação de recursos específicos em cada destino, buscando uma diferenciação competitiva e sustentável;
- 2) Investimento na formação de empreendedores e no apoio ao empreendedorismo;

²⁴ Vieira (2022).

²⁵ Castro (2022).



3) Governança com foco na qualidade das políticas públicas, dos serviços e na promoção de novos polos de ecoturismo, principalmente para evitar massificação e danos à natureza em determinados biomas e ecossistemas.

Riscos

O mais grave neste cenário é que a degradação ambiental persiste, poluindo águas e destruindo riquezas dos nossos biomas. O ecoturismo não é capaz de apresentar-se como uma força suficientemente robusta para contrapor-se a percepções de que outros setores econômicos oferecem maiores ganhos financeiros no curto prazo, sobretudo para aqueles que apostam em práticas imediatistas de baixo investimento e de “alto retorno”. Outro risco, é o da massificação dos polos ecoturísticos perto dos grandes mercados emissores, com destruição dos próprios polos

5.2 Cenário 2 - Brasil: Terra do Ecoturismo

Filosofia

O vigor dos empreendedores do ecoturismo consegue aproveitar as oportunidades do novo dinamismo econômico do Brasil, impulsionado pela robusta governança do setor, e pela ávida demanda de viajantes em busca de natureza, bem-estar, interação com biomas únicos e novidades ligadas aos princípios do ecoturismo. O ecoturismo se torna um meio de financiar a conservação da natureza.

Breve descrição

A retomada do crescimento da economia mundial, com fortes investimentos internacionais e maior busca do ecoturismo no Brasil, impulsiona um novo ciclo de crescimento econômico brasileiro, inferior aos períodos áureos dos anos 1970, mas acima das expectativas dos analistas do começo dos anos 2020, entre 3 e 3,5% aa. Contribui para esse ciclo uma forte e eficiente governança que se cria aos poucos, articulando os setores público e privado, com políticas focadas e iniciativas de resultado, melhoria da renda dos brasileiros, qualificação dos gastos públicos e simplificação dos processos burocráticos. Torna-se menos penoso e mais seguro investir no Brasil.



Com mais recursos, os setores público e privado investem mais em infraestrutura e em comunicação, amenizando alguns dos gargalos do desenvolvimento nacional. Os destinos turísticos são dotados de melhores meios de acesso, a maioria com comunicação de qualidade e serviços em pleno aperfeiçoamento. Com dinamismo econômico e políticas sociais efetivas, o desemprego, a miséria e a fome se reduzem, a segurança melhora, caem os índices de criminalidade e os homicídios por 100 mil habitantes.

Os segmentos de classe média têm mais renda disponível para viagens e lazer, e o crescimento da valoração da saúde, bem-estar e natureza estimulam a visitação aos destinos de ecoturismo, que não apenas crescem, mas se diversificam, com novos atrativos em expansão e consolidação no interior do país. Contribui para a dinâmica do setor a melhoria da formação de empreendedores e a qualificação da mão de obra.

Em todo o país consolidam-se novos destinos, com serviços de qualidade e atividades diversas entre si, como o Geoparque de Seridó (RN), os Cânions do Sul (SC), o Monte Roraima (RR) e a Terra Indígena do Xingu (MT e PA); novos negócios ao longo de mais de 20.000km de trilhas de longo percurso, que ao incorporar novas tecnologias tornam-se mais seguras e integradas a serviços das comunidades por onde passam; novas modalidades de turismo, como o turismo de regeneração da natureza sobretudo relacionado à agenda da sustentabilidade e das mudanças climáticas.

Movimentos apontam no sentido da desconcentração do setor, graças ao forte empreendedorismo disseminado no território, e a iniciativas de qualidade que chamam a atenção do turista, que, por essa razão, segue optando por viagens no país em detrimento de forte retomada das viagens internacionais pré-pandemia. O turista, sobretudo de renda média e média alta, habitante das médias e grandes cidades brasileiras, ganha confiança na qualidade do ecoturismo brasileiro e planeja-se para conhecer biomas e seus modos de vida, tão diversos entre si, como Amazônia, Pantanal e Caatinga.

O aumento do fluxo turístico, ainda que mais fortemente nacional, alcança os turistas internacionais. A absorção de novas tecnologias, o engajamento das populações e autoridades



locais nos destinos turísticos, além de eficientes mecanismos de promoção, liderados pela fortalecida governança, favorecem este movimento. Por sua vez, a maior consciência da crise ecológica e maior presença de turistas internacionais alimentam novas práticas de sustentabilidade e de regeneração de ecossistemas ameaçados, sobretudo nas zonas mais degradadas da Amazônia, do Pantanal, da Mata Atlântica litorânea e do Cerrado.

Concessões em Unidades de Conservação, como o Parque Nacional do Iguaçu, que com novo consórcio gestor dos serviços turísticos receberá R\$ 600 milhões em investimentos privados nas próximas décadas²⁶, tornam-se referência em modelos de gestão e uso público, sinalizando que outros modelos de gestão surgem e se expandem no território nacional. Cada vez mais, a ciência da conservação encontra-se com as melhores práticas do turismo, em movimento que possibilita tanto a efervescência do ecoturismo quanto seu protagonismo perante setores até então concorrentes no uso da terra. Modelos de parcerias com a iniciativa privada se disseminam pelas Unidades de Conservação e os parques brasileiros caminham rumo a seu potencial de gerar impactar o PIB nacional em R\$ 44 bilhões, gerando um milhão de empregos²⁷. O ecoturismo torna-se um agente capaz de prover altos retornos sobre investimentos feitos em conservação da natureza, um modelo bastante disseminado na África subsaariana, principalmente no âmbito de lodges e experiências de safaris, mas que era até então pouco sólido no Brasil.

O potencial brasileiro encontra-se entre os mais competitivos do mundo em recursos naturais, segundo o Índice de Desenvolvimento de Viagens e Turismo²⁸, e na classificação dos subíndices relacionados à sustentabilidade. Em 2035, esse potencial não atingirá plena realização, mas jamais terá se aproximado tão perto dela. Destinos próximos ou longe de grandes e médios centros veem negócios responsáveis e sustentáveis se expandirem, e os turistas não deixam de retribuir, com constantes e crescentes viagens, especialmente para onde sentem-se bem acolhidos e partícipes da conservação ou da regeneração da natureza.

Ainda que insuficiente para a recuperação de todos espaços degradados no país, e com investimentos menos abundantes do que o necessário em sustentabilidade, florestas são

²⁶ Fernandes (2022).

²⁷ Instituto Semeia (2021).

²⁸ World Economic Forum (2022).



revitalizadas a partir de mudas plantadas por turistas, apiários se tornam importantes fontes de alimentação e de polinização de raras flores, e mesmo aves são avistadas em novos trajetos feitos em buggies ou caminhonetes elétricas e silenciosas, exatamente onde antes a empobrecida flora ou o ronco dos motores à diesel impedia o deslumbramento de urbanos diante, por exemplo, de ararinhas-azuis, agora de volta à vida em seu habitat natural na Caatinga baiana, após investimentos brasileiros e alemães na refaunação da ave até então com riscos críticos de extinção.

Configuração específica do ecoturismo

Esse é um cenário de muito crescimento do fluxo de turistas buscando o ecoturismo. Os destinos consolidados tenderão a melhorar de qualidade atraindo turistas estrangeiros, graças, também, às eficientes políticas de promoção, melhor adaptadas às nossas características, à realidade das práticas mercadológicas do ecoturismo e mais focadas nos desejos dos turistas estrangeiros. Os polos hoje em desenvolvimento devem crescer em todo o país, assim como a maior parte dos polos hoje incipientes. A diversificação tende a crescer, assim como práticas de sustentabilidade. Adicionalmente à geração de benefícios econômicos pelo fluxo de turistas e da conservação da natureza financiada por suas atividades, este é o cenário com maior disseminação de práticas alinhadas ao propósito do ecoturismo – inclusão das comunidades, educação ambiental, apreço e perpetuação da natureza.

Pontos críticos de intervenção

- 1) A qualificação de mão de obra será o maior gargalo para o pleno florescimento deste cenário, merecendo particular atenção dos atores da cadeia de valor;
- 2) Investimento em infraestrutura, sobretudo de acesso e comunicação, serão indispensáveis para assegurar a diversificação.
- 3) O estímulo à adoção de iniciativas de sustentabilidade e práticas de regeneração serão importantes para a manutenção das riquezas dos polos de ecoturismo, e para a atração de turistas estrangeiros;



4) Implementação de boas práticas de segurança nas atividades, sobretudo as consideradas de aventura.

Riscos

O maior risco deste cenário encontra-se na massificação de polos próximos aos grandes mercados consumidores ou que gozam de prestígio entre os amantes da natureza. Se isso ocorrer estar-se-á matando a “galinha dos ovos de ouro”.

Os gargalos do crescimento residirão na (i) falta de mão de obra qualificada; (ii) infraestrutura insuficiente para atender a todos os polos em crescimento; (iii) baixa disseminação de práticas de sustentabilidade, essencial para assegurar a preservação ambiental e atração de turistas exigentes; e (iv) dificuldades em modelos de negócios em que o ecoturismo financia a conservação da natureza.

5.3 Cenário 3 - Muitos Oásis Nacionais

Filosofia

O baixo crescimento econômico é um grande desafio para o desenvolvimento das atividades do ecoturismo, exigindo muita capacidade dos empreendedores e qualidade na governança para desenvolver e manter qualidade na cadeia do turismo em alguns destinos. Nessas localidades, o ecoturismo é um meio de financiar a conservação da natureza, porém sob grandes esforços de empreendedores individualmente.

Breve descrição

O mundo mantém sua instabilidade, oscilando entre situações bélicas, pandemias e crises financeiras, impedindo um dinamismo econômico contínuo. Por essas razões, os indícios, quanto ao acúmulo de gases de efeito estufa, se arrefecem levemente, enquanto os custos de energia e transporte oscilam entre a estabilidade e a elevação, mas de todo modo elevado, com reflexos na redução no ritmo de crescimento econômico, inclusive das viagens aéreas. No entanto, o fato de sermos fartos em alimento e energia, faz que os impactos negativos sejam menos nocivos do que em outras economias.



De toda forma, esse quadro se reflete no Brasil prendendo nossa economia ao padrão dos últimos 40 anos: crescer, estagnar, decrescer, ou seja, no ritmo de *stop and go*, com índice em torno de 1,5% de crescimento ao ano do PIB. Contribuem, para tanto, os pequenos avanços na governança, com políticas públicas sem grande continuidade, pouco foco e sem avaliação, além de parcerias malfeitas entre os setores público e privado. Assim, o ambiente de investimento privado não é favorável à expansão, com certa insegurança jurídica. O crédito é escasso, com dificuldades de acesso para os empreendedores de micro e pequeno porte, a grande maioria do setor de ecoturismo, embora o mesmo não ocorra para as grandes empresas, raras no ecoturismo e muito importantes neste cenário.

Apesar da instabilidade, o processo de inovações persiste, embora em ritmo menos veloz. As parcerias com alguns centros de pesquisa, sobretudo conectados a universidades, brasileiras e estrangeiras, aportam conhecimento e, dentro de suas dificuldades de recursos para pesquisas, contribuem para inovações em ecoturismo no Brasil. Os empreendimentos, sobretudo micro, pequenos e médios, têm dificuldades de absorver essas inovações, com algumas exceções, como a Natural Extremo (SC), que é exemplo de diversas inovações. Por isso, a opção de contribuir com novas pesquisas científicas e aplicadas e, em troca, receber testes de inovações em negócios, funciona razoavelmente bem, em modelo ainda pouco explorado no país. Essas ações acontecem, sobretudo, nas áreas de segurança da operação de ecoturismo e nas iniciativas de sustentabilidade e regeneração de ecossistemas. A infraestrutura e os serviços de acesso a destinos, assim como a segurança pública, melhoram muito lentamente.

A criminalidade no país persiste e a promoção do ecoturismo fica cada vez mais restrita a algumas localidades, as poucas que conseguem apresentar índices toleráveis neste quesito. Em alguns territórios o ecoturismo avança, com engajamento das populações e autoridades locais. De forma idêntica, em alguns destinos se obtém melhoria de qualidade dos serviços e infraestrutura, com profissionais qualificados. Os destinos turísticos que mais crescem são aqueles destinados a segmentos de alta renda e os de proximidade de grandes centros consumidores, atraindo os amantes da natureza que dispõem de abundantes recursos, ou com médios recursos disponíveis. E, também, atrai a população urbana ansiosa para fugir do stress e idosos, buscando situações de calma e repouso.



Não há lançamentos de novos empreendimentos de ecoturismo capazes de construir destinos do zero, mas há aprimoramento nas cadeias de turismo no entorno de empreendimentos já consolidados. Exemplos são refúgios ou lodges na natureza, por exemplo, onde as populações do entorno podem se engajar tornando a interação do viajante mais rica com o bioma e o território, incluindo gastronomia, artesanatos e serviços de bem-estar, como terapias alternativas. Exemplos de empreendimentos como o Refúgio Caiman, no Pantanal (MS), o Cristalino Lodge, na Amazônia (MT), ou o Altar.BR (SP) se tornam âncoras neste cenário.

Os oásis nacionais, não são suficientes para realizar o potencial da biodiversidade brasileira. Há grandes esforços da governança dos locais em que empreendimentos-âncoras conseguem atrair turismo de alta renda, nacional e em menor percentual, internacional, sobretudo com engajamento das populações locais, aprimoramento dos serviços e de ações promocionais. As práticas de sustentabilidade e a conservação da natureza por meio do ecoturismo são restritas às fronteiras dos oásis, que dispõem esforços para assegurar a presença de turistas nos períodos de baixa frequência.

Configuração específica do ecoturismo

Este contexto é de baixo crescimento econômico, porém com empreendedores efetivos e dedicados à conservação da natureza. O ecoturismo tem um crescimento médio, concentrado nos locais mais próximos aos mercados emissores, com fortalecimento de alguns poucos polos mais distantes, porém, de grande qualidade cênica e experiências inovadoras, inclusive em torno de polos ecoturísticos hoje consolidados e de luxo. Esses polos devem continuar a atrair turistas, nacionais e, em menor volume, internacionais. Ao receber viajantes exigentes, a governança deve atentar-se, o tempo todo, à qualidade da cadeia de serviços e ao propósito do ecoturismo.



Pontos críticos de intervenção

- 1) Melhorar a Governança: foco na promoção da qualidade dos serviços da cadeia produtiva do território e na diversificação do ecoturismo;
- 2) Ampliação do crédito, sobretudo do microcrédito, para os empreendedores de porte micro e pequeno que atuam nas regiões dos oásis.

Riscos

O maior risco é que, sem o crescimento relevante do ecoturismo, incapaz de atrair os poucos investimentos disponíveis, a degradação ambiental aumente. Neste cenário há maior probabilidade de que os benefícios econômicos gerados pelo ecoturismo fiquem restritos e concentrados, com um pequeno grupo de empreendedores de grande, médio ou pequeno porte, e algumas comunidades que se adaptarem às exigências da demanda.

5.4 Cenário 4 - Devagar, quase parando

Filosofia

O baixo crescimento econômico, e a existência de poucos empreendedores e profissionais criativos no setor do ecoturismo dificultam o crescimento do ecoturismo e sua diversificação. Não há financiamento da conservação da natureza pelo ecoturismo.

Breve descrição

À semelhança do cenário “Muitos Oásis Nacionais”, o mundo permanece instável, refletindo no arrefecimento dos índices de aquecimento global, e impactando negativamente a economia nacional (índice de crescimento entre 1 e 1,5% aa. do PIB). Os custos da energia e transporte mantêm-se elevados inibindo o crescimento de viagens, sobretudo para grandes distâncias. As viagens de curta distância são feitas principalmente por turistas de renda média ou média baixa, o que impõe certos limites aos empreendedores que precisam arcar com ações de promoção, sustentabilidade, implementação de inovações e gestão ancoradas em profissionais com baixa qualificação.



O pouco dinamismo econômico não atrai investimentos para o setor, nem o crédito é muito acessível para poucos micro e pequenos empreendedores eficientes. A demanda por melhoria da qualidade dos polos, em casos similares, é pequena, ou pontual, concentrada naqueles polos de ecoturismo já conhecidos pela capacidade de quase autogestão por parte de alguns empreendedores. O que faz com que a concentração de visitação em poucos destinos persista, com grande massificação e degradação ambiental, normalmente próximos dos grandes mercados consumidores nacionais.

O Brasil continua um país de elevadas taxas de criminalidade, com infraestrutura e expansão dos meios de comunicação em crescimento lento. Na instabilidade observada, o valor da natureza e saúde cresce, mas não o suficiente para impulsionar decisivamente o ecoturismo. A má governança imperante contribui para este crescimento pífio.

Dessa forma, em pouquíssimos locais a população local se engaja nas atividades turísticas. Em poucos locais, a presença de profissionais qualificados ou empreendedores é capaz de adotar novas tecnologias ou de implementar sólidas iniciativas de sustentabilidade. Os impactos das mudanças climáticas são sentidos e há elevados danos, já que políticas de proteção à vulnerabilidade, resiliência a comunidades e territórios não são colocadas em prática. Florescem poucos destinos que conseguem atrair turistas de classe média e média alta, com práticas parcimoniosas de sustentabilidade. Com os efeitos das mudanças climáticas na biodiversidade e baixa qualificação dos guias e condutores turísticos, atividades como observação de fauna entram em declínio.

A potencialidade brasileira em relação aos recursos naturais e sua interação com turismo segue sem realização. Ecoturismo se torna um espaço de realização sobretudo de paixões, e menos de negócios. Não há crescimento sustentável de muitos novos negócios nesse ambiente, e as dificuldades vão de fraca governança à impactos causados por secas, fogo ou enchentes, com mais frequência e sem as devidas ações para minimizar suas consequências.



Configuração específica do ecoturismo

Esse é o cenário de menor crescimento do ecoturismo. Crescem apenas o ecoturismo de certo valor agregado - pois tem uma demanda efetiva, oriunda principalmente de profissionais que levam rotinas estressantes, mas que acumulam renda alta nos centros urbanos - e o ecoturismo de proximidades que atrai os amantes da natureza com menos recursos para viagens e lazer. A maioria dos polos incipientes no país, e mesmo em desenvolvimento, não se fortalecem, com exceção de alguns poucos. O propósito do ecoturismo fica cada vez mais inalcançável para a massa do fluxo de pessoas interessadas no contato com a natureza.

Pontos críticos de intervenção

- 1) Promoção das modalidades mais acessíveis do ecoturismo, principalmente no entorno das grandes e médias cidades;
- 2) Investimento em formação de empreendedores e profissionais, nos setores público e privado.

Riscos

Este cenário apresenta dois grandes riscos. O primeiro é o não aproveitamento das oportunidades por falta de empreendedores eficientes, favorecendo as atividades de degradação ambiental. O segundo é o risco de massificação dos polos existentes, com impactos negativos sobre a natureza, ao mesmo tempo em que a democratização do acesso aos espaços naturais é limitada.



CONCLUSÃO

Os cenários estão montados em função de dois vetores chaves, o dinamismo da economia nacional e a capacidade de iniciativa dos responsáveis pela vida do ecoturismo, seus empreendedores, que ampliam ou não o aproveitamento do leque de oportunidades que o contexto propicia. O primeiro vetor permite o crescimento, em ritmos distintos, de grupos sociais com renda disponível para viagens e novas experiências, o segundo vetor indica o grau de aproveitamento das oportunidades que surgem daquele dinamismo econômico.

Uma condicionante chave e transversal, que impacta todos os cenários, é a governança, ou seja, a articulação dos setores público e privado na gestão, nos investimentos e na promoção do ecoturismo e conservação da natureza. Tanto com políticas públicas focadas e contínuas, quanto com iniciativas eficientes e inovação. A governança poderá ser de sucesso se houver qualidade na parceria estabelecida entre os dois setores e foco nas ações. Com isso, tende a estimular muito o desenvolvimento e a diversificação do ecoturismo. A diversificação, com a consolidação de destinos hoje incipientes, é fundamental para evitar a concentração e a massificação de atividades, com consequências nefastas sobre o meio ambiente e os princípios do próprio ecoturismo.

Duas condicionantes de pouca variação, mas fundamentais nos cenários são a valorização da saúde, bem-estar e natureza, relacionada à sensibilidade da crise ecológica, e o envelhecimento da população. Elas ocorrerão, embora em ritmos diferentes, segundo cada cenário, pois são tendências de peso no futuro próximo. A primeira, pelo crescimento da consciência dos riscos da crise ecológica e a necessidade de buscar mais equilíbrio em rotinas estressantes, sobretudo nos grandes centros urbanos, e a segunda, como resultado da transição demográfica que o país vive, com segmentos de pessoas com mais tempo e recursos financeiros.

A lógica dos dois cenários, marcados por forte dinamismo econômico (*Nichos pujantes / Terra do Ecoturismo*), é a capacidade de aproveitamento das condições favoráveis, em função do grau de disseminação do bom empreendedorismo no ecoturismo. Empreendedorismo que permite a transformação das potencialidades extraordinárias da megabioidiversidade do Brasil em



produtos, conforme atestados pelo Fórum Econômico Mundial, em Índice de Desenvolvimento de Viagens e Turismo, no qual o Brasil está entre os líderes mundiais. No primeiro cenário (Nichos Pujantes), o aproveitamento é localizado, porque o empreendedorismo não se disseminou, permitindo que apenas alguns destinos cresçam e se consolidem. No segundo cenário (Terra do Ecoturismo), o empreendedorismo e as facilidades de acesso e serviços disseminados permitem que as oportunidades sejam bem aproveitadas, embora de forma desigual, em todo o território. Este fato atribui um dinamismo extraordinário ao ecoturismo que começa a atrair não apenas mais turistas domésticos, como internacionais.

Nos dois cenários regidos pelo baixo dinamismo econômico (*Oásis Nacionais / Devagar, quase parando*), o enfrentamento das condições é também distinto em função da disseminação do empreendedorismo. No cenário Oásis Nacionais, apesar do baixo crescimento econômico, a existência de um empreendedorismo forte permite que algumas oportunidades sejam aproveitadas, em locais específicos. Ou seja, a adversidade será vencida em alguns locais, sobretudo em destinos para segmentos sociais de alta renda e o ecoturismo de proximidade. O mesmo ocorre no Cenário 4, com crescimento menor e com serviços de menor valor agregado, porque o empreendedorismo é mais frágil.

De toda forma, em qualquer dos cenários o ecoturismo deve crescer, menos em alguns cenários, mais em outros, com menor ou maior diversificação, segundo cada cenário. Eles conformam uma escada: muito crescimento no cenário *Terra do Ecoturismo*, crescimento médio nos cenários *Nichos Pujantes* e *Oásis Nacionais*, e pouco crescimento no cenário *Devagar, quase parando*. Porém, com peculiaridades distintas, em termos de atração dos turistas, atratividades, grau de proximidade, qualidade dos serviços e sua disseminação no país.



RECOMENDAÇÕES

Os cenários supracitados têm elementos comuns: a) todos crescem, embora a ritmos diferentes; b) todos têm riscos, seu “calcanhar de Aquiles”, com alguns pontos críticos comuns. Aproveitando esses elementos comuns é possível sugerir uma estratégia robusta de ação dos atores públicos e privados da cadeia de valor do ecoturismo, que seria composta dos seguintes segmentos:

1. Fortalecimento da formação de empreendedores e qualificação dos profissionais do setor;
2. Adoção de políticas públicas que facilitem o acesso ao crédito, particularmente dos micro e pequenos empreendimentos;
3. Realização de ações de marketing e apoio à comercialização condizentes com nossos produtos e o desejo do público-alvo (governança), segundo as características de cada cenário;
4. Investimento público/privado em infraestrutura, comunicação e segurança pública;
5. Atração de investimentos nas áreas em que o ecoturismo brasileiro tem histórico de robustos avanços, sobretudo em normas técnicas e na segurança do usuário;
6. Valorização dos princípios do ecoturismo, favorecendo a conservação ambiental e atraindo investimentos em novas iniciativas de ecoturismo, evitando a massificação degradante;
7. Desenvolvimento de modelos de negócios em que o financiamento à conservação da natureza seja rentável a partir do ecoturismo - e suas muitas atividades complementares, por exemplo: pesquisas e práticas de regeneração de ecossistemas, como refaunação (rewilding);

Em resumo, é preciso posicionar o ecoturismo como um modelo de negócio que traz bons retornos aos investidores, em que estão incluídos aportes à conservação da natureza e prosperidade em comunidades locais, propiciando boas condições de saúde e lazer aos viajantes e melhoria das condições de vida dos habitantes dos polos turísticos. Um turismo saudável, agradável e acessível a todas e todos.



ANEXO I - METODOLOGIA

A construção de cenários tem como objetivo orientar as decisões estratégicas que terão que ser tomadas no presente, visando ao enfrentamento dos problemas atuais e próximos, à captura de oportunidades que se apresentarem, à restrição das ameaças e, com isso, traçar um caminho para a construção do futuro desejado.

Cenário é uma hipótese coerente e factível do futuro. Ele é fruto da evolução do presente, que por sua vez é "grávido" de múltiplos futuros. A configuração singular destes futuros depende dos elementos de continuidade e descontinuidade que se encontram no presente. Assim, os cenários são hipóteses e não teses; são narrativas coerentes e não teorias científicas; são divergentes e não convergentes. Quando se constroem cenários, busca-se os extremos factíveis para abarcar o maior leque de incertezas, pois uma de suas finalidades é reduzir incertezas para propiciar melhores decisões.

Para não se limitar à falsa impressão de que o futuro é uma pura continuidade, ou enganar-se com pura fantasias e desejos, a melhor prática consiste em mapear o ambiente externo tecnicamente, com suas variáveis e atores centrais, para organizar os futuros plausíveis. Nesse esforço, das várias técnicas criadas para o exercício de antecipação do futuro, o método de cenários é atualmente o mais completo e rico, estando ciente de que o futuro não pode ser adivinhado.

Por isso, o propósito primário dos cenários não é o de predizer o futuro, e sim, organizar, sistematizar e delimitar as incertezas explorando os pontos de mudança ou manutenção dos rumos de uma dada evolução de situações. Desse modo, um bom cenário explicita não só como uma situação pode vir a ocorrer; mas, também, que alternativas se colocam em cada momento, para que se possam formular políticas ou estimular iniciativas capazes de prevenir, evitar, minimizar, reorientar ou facilitar cada processo no futuro.

Os principais atributos dos cenários são: i) abordagem sistêmica da realidade; ii) ênfase em aspectos descritos em termos qualitativos; iii) explicitação das relações entre variáveis e atores



como estruturas dinâmicas; iv) visão de futuro como construção social, que pode sofrer alterações. Com isso, o futuro é concebido como um espaço aberto a múltiplas possibilidades, uma construção social resultante das inúmeras decisões de seus atores. Nesse contexto, a metodologia²⁹ utilizada neste estudo pode ser resumida em cinco passos, descritos a seguir, a partir da definição do objeto de cenarização (o ecoturismo) e um período determinado (2023-2035):

1. **Estudo retrospectivo:** analisa a trajetória passada do Ecoturismo no Brasil (objeto de cenarização) nas dimensões econômica, ambiental, social e cultural nos últimos 20 anos, com o intuito de identificar os elementos de continuidade e mudança no ambiente que o influencia. O resumo da descrição da retrospectiva pode ser consultado no segundo capítulo;
2. **Descrição da situação atual (Diagnóstico):** identifica as principais características atuais (2022) do Ecoturismo no Brasil, observando suas principais variáveis e seus atores mais relevantes, assim como, os elementos de continuidade e descontinuidade. A descrição da situação atual encontra-se igualmente no segundo capítulo;
3. **Mapeamento dos principais condicionantes de futuro:** tem como finalidade a identificação dos fatores (variáveis) de inércia e de mudança e, sobretudo, as incertezas críticas, variáveis fundamentais no processo de geração de cenários, definidas como condicionantes de futuro. A descrição dos cenários deve contemplar as dimensões econômica, ambiental, social e cultural, enfatizando aspectos demográficos, fluxos, destinos, atrativos, infraestrutura etc, tanto no âmbito internacional quanto nacional. As condicionantes de futuro podem ser lidas no quarto capítulo;
4. **Combinação de incertezas críticas:** técnica que permite, a partir das condicionantes de futuro mapeadas, estabelecer os fatores chaves na forma de dois eixos ortogonais. Em cada extremo dos eixos são identificadas hipóteses plausíveis que, por meio de suas combinações, geram a filosofia dos quatro cenários. Na Figura 2 pode-se observar os dois fatores chaves (crescimento econômico e atratividade do ecoturismo) que geram os quatro cenários com seus títulos;

²⁹ Belfort e Porto (2003).



5. **Desenvolvimento dos cenários:** com os cenários gerados é o momento de seu desenvolvimento. Após o título de cada cenário foi explicitada a sua filosofia (natureza), seguida da narrativa do cenário, um quadro síntese de como ele impacta a configuração do ecoturismo, em outro quadro encontram-se os pontos críticos de intervenção que permitem melhorar ou mudar o rumo do cenário e, por fim, um último um quadro com os riscos que o cenário contém. Os quatro cenários podem ser lidos no quinto capítulo.

Para se chegar ao alinhamento conceitual, retrospectiva, diagnóstico e condicionantes de futuro, foram consultados, lidos e sumarizados diversas referências, publicações e documentos técnico-científicos nacionais e internacionais, como os listados no Anexo II. Além disso, especialistas em ecoturismo e gestores do próprio Polo SEBRAE de Ecoturismo também foram consultados para contribuir com todas as etapas e validar o estudo por meio de uma série de oficinas conjuntas - de quatro horas cada, com encontros online, totalizando 16 horas - e, individualmente, por meio de comentários ao texto final dos cenários:

- Oficina 1 em 13/10/2022: Inspirações globais sobre turismo de natureza: Conceitos, tendências e casos;
- Oficina 2 em 24/10/2022 - Presente e Passado: Diagnóstico e retrospectiva;
- Oficina 3 em 26/10/2022 - Tendências: Para onde caminha o Ecoturismo no Brasil;
- Oficina 4 em 14/11/2022 - Apresentação e críticas à versão rascunho dos cenários;
- Consulta aos especialistas para contribuições e validação dos cenários - individualmente entre 18/11 e 25/11/2022.

Participaram das oficinas 15 debatedores e mais de 50 especialistas de diferentes perspectivas e organizações, incluindo o Dr. Ian Yeoman (Victoria University of Wellington), professor e pesquisador em futuros em turismo, que fez a abertura do primeiro encontro e revisão final dos cenários no dia 16/11/2022. Tanto os debatedores como os especialistas são considerados os construtores dos cenários. As valiosas contribuições dessas pessoas durante as quatro oficinas, seja por meio dos exercícios escritos, falas e discussões em grupo, ou comentários sobre o texto final, também foram utilizadas para a construção dos cenários.



A partir dos passos definidos pela metodologia, pesquisas bibliográficas, documentais e as oficinas foram construídos e validados os quatro Cenários para o Ecoturismo no Brasil 2035, que passam então a servir de referência para a delimitação de estratégias que visem neutralizar as ameaças e riscos potenciais, ou aproveitar as oportunidades e materializar potencialidades que o futuro reserva ao Ecoturismo no Brasil.



ANEXO II - REFERÊNCIAS

ABETA; BRASIL. **Perfil do Turista de Aventura e do Ecoturista no Brasil**. São Paulo: ABETA, 2010.

ANAC. Preço do combustível de aviação ainda pressiona tarifa do bilhete aéreo em agosto. 2022. Disponível em:

<<https://www.gov.br/anac/pt-br/noticias/2022/preco-do-combustivel-de-aviacao-ainda-pressiona-tarifa-do-bilhete-aereo-em-agosto>>. Acesso em: 21 nov. 2022.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS (ABNT). **NBR 15500**: Turismo de Aventura - Terminologia. Rio de Janeiro, 2014.

ATTA. Adventure Travel Guide Qualifications & Performance Standard Definitions. 2022.

Disponível em:

<<https://www.adventuretravel.biz/education/adventure-edu/guide-standards/adventure-travel-guide-qualifications-performance-standard-iii-definitions/>>. Acesso em: 21 nov. 2022.

BELFORT, A.; PORTO, C. **Análise e construção de cenários**. Rio de Janeiro: Macroplan Prospectiva, Estratégia & Gestão, 2003.

BLTA. BLTA 2022 Yearbook. 2022. Disponível em: <<http://blta.com.br/en/awards-1>>. Acesso em: 28 nov. 2022.

BOOKING.COM. Sustainable Travel Report. 2022. Disponível em:

<<https://globalnews.booking.com/download/1161485/booking.comsustainabletravelreport2022final.pdf>>. Acesso em: 28 nov. 2022.

BRASIL. **Turismo de Aventura**: orientações básicas. Brasília: Ministério do Turismo, 2010a.



BRASIL. **Ecoturismo:** orientações básicas. Brasília: Ministério do Turismo, 2010b. Disponível em: <www.gov.br/turismo/pt-br/centrais-de-conteudo-/publicacoes/segmentacao-do-turismo/ecoturismo-orientacoes-basicas.pdf>. Acesso em: 21 nov. 2022.

BRASIL. **Estudo da Demanda Turística Internacional 2019.** Brasília: Ministério do Turismo, 2021. Disponível em: <<https://www.gov.br/turismo/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/observatorio/demanda-turistica/demanda-turistica-internacional-1>>. Acesso em: 21 nov. 2022.

BRASIL. **Pesquisa de Sondagem Empresarial - Empresários do setor de Agências e Operadoras de Turismo no Brasil.** Brasília: Ministério do Turismo, 2022. Disponível em: <<https://www.gov.br/turismo/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/observatorio/sondagem-empresarial/agencias>>. Acesso em: 28 nov. 2022.

CASTRO, B. Turistas conhecem biofábrica no fundo do mar e são incentivados a preservar corais em Porto de Galinhas. **G1**, 29 set. 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pe/paranambuco/noticia/2022/09/29/turistas-conhecem-biofabrica-no-fundo-do-mar-e-sao-incentivados-a-preservar-corais-em-porto-de-galinhas.ghtml>>. Acesso em: 17 nov. 2022.

EXPEDIA. Sustainable Travel Study. 2022. Disponível em: <<https://go2.advertising.expedia.com/sustainability-study-2022>>. Acesso em: 28 nov. 2022.

FENNELL, D. A. **Handbook of Ecotourism.** Abingdon: Routledge, 2022.

FERNANDES, V. Parque Nacional do Iguaçu receberá investimento de R\$ 600 milhões. **Panrotas**, 19 jul. 2022. Disponível em: <https://www.panrotas.com.br/mercado/destinos/2022/07/parque-nacional-do-iguacu-receber-a-investimento-de-r-600-milhoes_190762.html>. Acesso em: 17 nov. 2022.



FRANCO, M. B. de A.; FRANCO, J. L. de A.; CUNHA, A. A. Ecoturismo, conservação da natureza e Deep Ecology: Uma reflexão sobre o turismo como experiência de ampliação da consciência.

Fronteiras, v. 10, n. 2, p. 97–115, 2021. Disponível em:

<<https://doi.org/10.21664/2238-8869.2021v10i2.p97-115>>. Acesso em: 21 nov. 2022.

GLOBAL ECOTOURISM NETWORK. Definition and key concepts. 2016. Disponível em:

<<https://www.globalecotourismnetwork.org/definition-and-key-concepts/>>. Acesso em: 21 nov. 2022.

IBGE. PNAD Contínua - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua. 2022. Disponível em:

<<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/9171-pesquisa-nacional-por-amostra-d-e-domicilios-continua-mensal.html?=&t=destaques>>. Acesso em: 21 nov. 2022.

ICMBIO. Visitação nas Unidades de Conservação (2000-2021). 2022. Disponível em:

<<https://app.powerbi.com/view?r=eyJrIjoiOGYyNjNhMzEtOTk2Ni00MzAyLThlM2QtMjAyMWEyN2RmZWwliwidCI6ImMxNGUyYjU2LWM1YmMtNDNiZC1hZDIjLTQwOGNmNmNjMzU2MCI9&pageName=ReportSection283706c1c8465c9672b0>>. Acesso em: 28 nov. 2022.

INSTITUTO ECOBRASIL. Diretrizes Ecoturismo - Oficina de Planejamento. 2022. Disponível em:

<<http://www.ecobrasil.eco.br/3-secao-geral/categoria-projetos/985-diretrizes-ecoturismo-oficina-de-planejamento>>. Acesso em: 28 nov. 2022.

INSTITUTO SEMEIA. Parques como vetores de desenvolvimento para o Brasil. 2021. Disponível em:

<<https://www.semeia.org.br/publicacoes.php>>. Acesso em: 05 dez. 2022.

JANOWSKI, I.; GARDINER, S.; KWEK, A. Dimensions of adventure tourism. **Tourism Management Perspectives**, v. 37, 100776, 2021. Disponível em:

<<https://doi.org/10.1016/j.tmp.2020.100776>>. Acesso em: 21 nov. 2022.



MARTINS, P. C.; SILVA, C. A. da. Turismo de Natureza ou na Natureza ou Ecoturismo?. **Revista Turismo em Análise**, v. 29, n. 3, p. 487–505, 2019. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/rta/article/view/157887>>. Acesso em: 21 nov. 2022.

OMT. Ecotourism and protected areas. 2022a. Disponível em: <<https://www.unwto.org/sustainable-development/ecotourism-and-protected-areas>>. Acesso em: 21 nov. 2022.

OMT. Global and regional tourism performance. 2022b. Disponível em: <<https://www.unwto.org/tourism-data/global-and-regional-tourism-performance>>. Acesso em: 21 nov. 2022.

PIRES, P. dos S. A dimensão conceitual do ecoturismo. **Turismo - Visão e Ação**, v. 1, n. 1, p. 75–92, 1998. Disponível em: <<https://periodicos.univali.br/index.php/rtva/article/view/1392>>. Acesso em: 21 nov. 2022.

PIRES, P. dos S. Proposta para a adequação da tipologia e para a identificação dos componentes biofísicos dos atrativos naturais nos destinos de ecoturismo no Brasil. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, v. 7, n. 3, p. 398–418, 2013. Disponível em: <<https://doi.org/10.7784/rbtur.v7i3.554>>. Acesso em: 21 nov. 2022.

RANTALA, O.; ROKENES, A.; VALKONEN, J. Is adventure tourism a coherent concept? A review of research approaches on adventure tourism. **Annals of Leisure Research**, v. 21, n. 5, p. 539–552, 2018. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1080/11745398.2016.1250647>>. Acesso em: 21 nov. 2022.

TIES. What Is Ecotourism?. 2015. Disponível em: <<https://ecotourism.org/what-is-ecotourism/>>. Acesso em: 21 nov. 2022.



TRVL LAB. As viagens de luxo no Brasil. 2021. Disponível em:

<<https://newsletter.panrotas.com.br/conteudo/TravelLab/ILTM-Mercado-de-viagens-de-luxo-v01.pdf>>. Acesso em: 28 nov. 2022.

VIEIRA, R. Bonito (MS) cria projeto para se tornar destino carbono neutro. **Panrotas**, 21 jun. 2022.

Disponível em:

<https://www.panrotas.com.br/mercado/destinos/2022/06/bonito-ms-cria-projeto-para-se-tornar-destino-carbono-neutro_190166.html>. Acesso em: 17 nov. 2022.

WEARING, S.; NEIL, J. **Ecoturismo: Impactos, potencialidades e possibilidades**. 2. ed. Barueri: Manole, 2014.

WORLD ECONOMIC FORUM. Top 10 performers in Travel and Tourism Demand Driver pillars.

2022. Disponível em:

<<https://www.weforum.org/reports/travel-and-tourism-development-index-2021/shareables-214a5b33ff>>. Acesso em: 27 nov. 2022.



Polo SEBRAE de Ecoturismo



Cenários para
o Ecoturismo
no Brasil 2035

Realização



Execução

**AMPLIA
MUNDO**